

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

LEANDRO NOSSA GUANANDY

**PERTENCIMENTO GRENÁ: UM ESTUDO SOBRE
OS VÍNCULOS COMUNICACIONAIS DOS
TORCEDORES DA DESPORTIVA FERROVIÁRIA
NO ESPÍRITO SANTO**

VITÓRIA
2019

LEANDRO NOSSA GUANANDY

**PERTENCIMENTO GRENÁ: UM ESTUDO SOBRE
OS TORCEDORES DA DESPORTIVA
FERROVIÁRIA NO ESPÍRITO SANTO**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Departamento de
Comunicação Social da Universidade
Federal do Espírito Santo como
requisito parcial para obtenção de
grau de Mestre em Comunicação e
Territorialidades.

Orientador: Prof. Dr. Victor Israel
Gentilli.

VITÓRIA

2019

À Associação Desportiva Ferroviária,
o clube que sabe fazer amigos.

AGRADECIMENTOS

Para concluir este estudo, preciso agradecer primeiramente ao futebol por despertar tantas paixões mundo afora e ser um esporte fascinante por gerar agrupamentos e comunidades em torno de uma paixão. Agradeço à Desportiva Ferroviária por trazer este sentimento apaixonado a um grupo fiel de torcedores capixabas. Por meio de sua história rica, com alegrias e sofrimentos, a Desportiva possui um diferencial que já vem descrito em seu hino oficial: “É o clube que sabe fazer amigos”.

Por essa característica, agradeço também aos torcedores grenás que dedicaram tempo em participar da pesquisa e por exibirem seu amor pelo clube de uma forma tão forte e enraizada, formando uma comunidade de pertencimento não só com a Desportiva, mas com o estado do Espírito Santo.

Agradeço também à Ana Clara, minha companheira de vida e que me estimulou a fazer este Mestrado e a desenvolver esta pesquisa com muita boa vontade e compreensão, além de ser um exemplo de dedicação aos estudos e atividades profissionais. À Francesca, minha irmã querida e que também é um exemplo pela dedicação acadêmica. À minha mãe Izabel, que sempre manifestou seu suporte para o meu prosseguimento nas atividades acadêmicas.

Ao meu orientador Victor Gentilli, meu muito obrigado pela compreensão e pelo compartilhamento de belas e ricas histórias sobre jornalismo, futebol e vida. Aos professores Pedro Marra e Ruth Reis, membros da banca, meus agradecimentos pelos direcionamentos e observações que qualificaram este trabalho.

Um agradecimento especial à Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que faz parte da minha vida. Universidade pública e de boa qualidade, que deve ser defendida em tempos de obscurantismo no país.

“No futebol, a pior cegueira é só enxergar a bola”. (Nelson Rodrigues)

RESUMO

No Espírito Santo, a maioria dos capixabas não torce por clubes locais. Historicamente, os clubes que tiveram mais conquistas no cenário estadual angariam o maior número de torcedores locais, entre eles, a Desportiva Ferroviária. Este trabalho objetiva estudar como se constrói o pertencimento a uma comunidade por meio do torcer pela Desportiva Ferroviária no Espírito Santo. Por meio de pesquisa qualitativa, foram aplicados questionários semi-estruturados a dez torcedores do clube. Os depoimentos coletados são analisados de modo a avaliar: (i) as motivações para se tornar torcedor da Desportiva Ferroviária; (ii) o significado de ser torcedor da Desportiva Ferroviária; (iii) a relação de pertencimento dos torcedores com relação ao clube e à comunidade local e (iv) as principais fontes de informação usadas pelos torcedores para buscar conteúdo do clube. Além dos questionários, os registros coletados pelo autor nas arquibancadas capixabas foram utilizados, sob a ótica do observador participante.

Os resultados evidenciam que as principais motivações para a escolha da Desportiva Ferroviária envolvem a conexão com o Espírito Santo e identificação com o clube, além do sucesso do time no passado e sua história. Destaca-se aqui que, para a escolha, há grande relevância do território e da identidade. Quanto ao significado de ser torcedor da Desportiva Ferroviária, ou ser “grená”, destaca-se que os torcedores relacionam a torcida ao fato de serem capixabas, reforçando o papel da territorialidade, além de uma forma de resistência. Além disso, uma particularidade da torcida em contraponto à torcida de grandes clubes nacionais, é a identificação por parte dos próprios torcedores do papel de colaborador do clube, além de espectador. Os resultados reforçam a relação de pertencimento dos torcedores com relação ao clube e à comunidade, uma vez que se reconhecem como formadores de uma comunidade. Por fim, os resultados reforçam o papel das redes sociais e grupos de WhatsApp como principal fonte de informações sobre o clube devido, principalmente, à baixa adesão dos veículos de imprensa tradicionais à cobertura do futebol local.

Palavras-chave: futebol, pertencimento, identidade, Espírito Santo, Desportiva

ABSTRACT

In Espírito Santo state, the majority of the population do not support local club. Historically, the club that had the most achievements in the state scenario attracted the largest number of local fans, including Desportiva Ferroviária. This work aims to study how to build belonging community through the support of Desportiva Ferroviária in Espírito Santo. Using qualitative research, semi-structured questionnaires were applied to ten club fans. The collected statements are analyzed in order to evaluate: (i) the motivations to become a supporter of Desportiva Ferroviária; (ii) the meaning of being a supporter of Desportiva Ferroviária; (iii) the fans' ownership relationship with the club and the local community; and (iv) the main sources of information fans use to search for club content. In addition to the questionnaires, the records collected by the author in the Espírito Santo stands were used from the perspective of the participating observer.

The results show that the main motivations for choosing Desportiva Ferroviária involve connection with Espírito Santo state and identification with the club, as well as the team's past success and history. It is noteworthy here that, for the choice, there is great relevance of territory and identity. Regarding the meaning of being a supporter of Desportiva Ferroviária, or being a "grená", it is noteworthy that the fans relate the fans to the fact that they are capixabas (Espírito Santo natives), reinforcing the role of territoriality, as well as a form of resistance. In addition, a particularity of the fans in contrast to the fans of major national clubs, is the identification by the fans themselves of the role of club collaborator, not only spectator. The results reinforce the fans' relationship of belonging to the club and the community, as they recognize themselves as community leaders. Finally, the findings reinforce the role of social network and WhatsApp groups as the main source of information about the club, mainly due to the low adherence of traditional media to local football coverage.

Palavras-chave: soccer, belonging, identity, Espírito Santo, Desportiva

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Torcida Grenamor na final do Capixabão 2016.....	27
Figura 2. Primeiro time da Desportiva Ferroviária.	36
Figura 3. Engenheiro Araripe após reformas em 2013.....	39
Figura 4. Engenheiro Araripe após reformas em 2013.....	39
Figura 5. Time da Desportiva em 1998.	42
Figura 6. Time da Desportiva campeão da Série B de 2012 com a torcida grená ao fundo.	46
Figura 7. Torcida em frente ao Estádio Bambu, em Aracruz, para a grande final.	47
Figura 8. Festa da torcida grená no Estádio Bambu	48
Figura 9. Jogadores levantam a taça do Capixabão 2013.	49
Figura 10. Festa da Torcida Grenamor na final do Capixabão de 2016.....	50
Figura 11. Resultado de pesquisa sobre times torcidos pelos capixabas.	55
Figura 12. Torcedores da Desportiva em frente ao Masp, na Avenida Paulista, antes do jogo contra a Portuguesa.....	57
Figura 13. Torcedores da Desportiva no caminho para a partida contra o Villa Nova, em Minas Gerais.....	64
Figura 14. Parte da torcida grená em Volta Redonda	69
Figura 15. Torcida grená no Estádio Raulino Oliveira, em Volta Redonda.....	70
Figura 16. Resultados de motivação para torcida pela Desportiva Ferroviária.	74
Figura 17. Mapa da Região da Grande Vitória e localização do estádio Engenheiro Alencar Araripe.	78
Figura 18. Festa da torcida grená pelas ruas de Jardim América	80
Figura 19. Resultados encontrados para a fonte de informação sobre a Desportiva Ferroviária.	85
Figura 20. Nuvem de palavras gerada com as respostas do questionário.	91

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1. Motivação.....	11
1.2. Objetivo	14
2. CENÁRIO DO ESTUDO.....	15
2.1. Fundamentação teórica.....	15
2.2. Procedimentos metodológicos	20
2.3. Os torcedores pesquisados.....	25
2.4. Organização do estudo	29
3. A HISTÓRIA E O PERTENCIMENTO À DESPORTIVA FERROVIÁRIA ..	30
3.1. Expansão do futebol no Brasil.....	31
3.2. Início das atividades no futebol capixaba.....	33
3.3. O clube dos ferroviários ganha forma	34
3.4. Repercussão nacional.....	40
3.5. Mudança drástica e determinante	43
3.6. De volta à glória	44
3.7. Últimos anos.....	49
4. O PERTENCIMENTO À DESPORTIVA FERROVIÁRIA.....	51
4.1. Elementos do vínculo a um clube.....	53
4.2. Resultados	55
4.2.1. Os motivos para torcer pela Desportiva Ferroviária.....	55
4.2.2. O que é ser “grená”?	61
5. O PERTENCIMENTO AO ESPÍRITO SANTO	67
5.1. Identidade e território	70
5.2. Resultados	73
5.2.1. Pertencimento ao clube e à comunidade local - Ser grená é ser capixaba.....	73
5.2.2. Fontes de informação: A imprensa e o futebol capixaba	82
6. CONCLUSÃO	88
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
ANEXO 1.....	96

1. INTRODUÇÃO

1.1. Motivação

Define-se por esporte o fenômeno sociocultural, cuja prática é considerada direito de todos, e que tem no jogo o seu vínculo cultural e na competição seu elemento essencial, o qual deve contribuir para a formação e aproximação dos seres humanos ao reforçar o desenvolvimento de valores como a moral, a ética, a solidariedade, a fraternidade e a cooperação, o que pode torná-lo um dos meios mais eficazes para a comunidade humana (TUBINO; GARRIDO; TUBINO, 2006).

Segundo Carl Diem (1966 *apud* TUBINO, 2010), a história do esporte é íntima da cultura humana, em que os povos tiveram, em cada época, seus esportes que foram a essência de cada povo.

Hill (2010) cita a frase “talvez o esporte importe porque não importa”, isto é, diante de questões como conflitos mundiais, saúde, doenças e meio ambiente, o esporte carrega menos peso. Sendo assim, ele serve como uma distração valiosa das preocupações do mundo.

O futebol é capaz de provocar sentimentos que envolvem uma mistura de paixão, devoção, fanatismo, e outros tantos sentimentos exteriorizados de diferentes maneiras (GONÇALVES et al., 2014). Wisnik (2008) discute como o futebol se tornou uma espécie de língua geral, que coloca em contato populações de todos os continentes.

Enquanto o engajamento e as motivações para a torcida por um time são o centro de numerosos trabalhos (THEODORAKIS et al., 2012; WANN et al., 2015), há particularidades para torcida a clubes locais intimamente associadas à temática de territorialidades.

No Brasil, trabalhos associados a torcidas de futebol fora do eixo Rio – São Paulo e das principais capitais do país são escassos (RIGO, 2001). Alguns autores se dedicam à investigação de singularidades do futebol em regiões pouco exploradas, como Rigo (2001), em Pelotas, Rio Grande do Sul, e Silva (2011), Governador Valadares, Minas Gerais.

No Espírito Santo, a escassez de estudos sobre o tema é evidenciado por Costa, Alves e Ribeiro (2011), que destacam a ausência de publicações associadas ao futebol capixaba em bases de dados de publicações da Capes na época do estudo. Após essa data, Nossa (2013), Bigossi; Marcelo e Gomes (2013), Côrtes e da Silva (2013) são alguns dos poucos trabalhos sobre o tema.

É preciso destacar também as motivações pessoais do autor para a realização do trabalho, torcedor da Desportiva Ferroviária e apaixonado por futebol. Ser um torcedor, incentivou a inquietude em investigar como há pessoas apaixonadas por clubes de futebol no Espírito Santo, tendo em vista que o estado não possui nenhum clube na elite do futebol brasileiro. De fato, nenhum clube passa perto disso, já que atualmente os times capixabas que possuem vagas em competições nacionais disputam a Série D do Campeonato Brasileiro. E nem todos possuem tal privilégio: são apenas duas vagas na quarta divisão do futebol nacional e uma para a Copa do Brasil.

De acordo com o Instituto Futura (2013), 70% dos moradores do Espírito Santo não torcem para nenhum clube local. Os times mais citados são do estado fluminense. Essa disparidade entre o número de adeptos do esporte do Rio e os que apoiam os representantes do estado capixaba é extremamente relevante. Se 70% não acompanham o futebol capixaba, na mesma pesquisa 83% declararam torcer por uma equipe carioca (INSTITUTO FUTURA, 2013).

No entanto, este quadro também não é muito distante da realidade de outros pontos do país. Segundo pesquisa da DATAFOLHA (2018) apenas na região Sul do Brasil é que um clube que não seja do Sudeste ocupa o topo na preferência popular. No caso, Grêmio e Internacional lideram a pesquisa. No Nordeste, Norte e Centro-Oeste, Flamengo e Corinthians, respectivamente, lideram o quadro. O protagonismo no cenário nacional de times do Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, justificam a escolha de um torcedor por estes clubes se ele comparar a situação de um time capixaba na Série D ou fora das divisões nacionais.

A ausência de competições relevantes faz com que o espetáculo não seja tão atrativo para o público no Espírito Santo. Com apenas a Série D e as fases iniciais da Copa do Brasil à disposição, a presença do torcedor é reduzida. No

Campeonato Capixaba de 2019, a média de público foi de 824 torcedores por jogo¹. O número é ainda inflado pelas partidas decisivas, que superaram os mil espectadores e, portanto, acabam elevando a média. Em um comparativo com outros campeonatos estaduais do país, o Carioca² teve mais de 8 mil torcedores por jogo, enquanto o Paulista³, média de 9 mil por rodada.

Ao longo deste trabalho, será feito um contexto histórico sobre o surgimento e feitos da Desportiva Ferroviária dentro dos cenários estadual e nacional do futebol, além de um quadro geral do futebol capixaba. Mas, primordialmente, serão relatadas histórias de verdadeiros apaixonados pelo seu clube. Relatos de torcedores que abdicaram de diversos compromissos e do convívio familiar para estar mais perto de seu time, demonstrando apoio e companheirismo à sua agremiação querida.

Este trabalho não tem, portanto, a pretensão de trazer a resposta sobre o quê ou quem causou essa dissonância entre o cidadão capixaba e os clubes da região. O objetivo é levantar, qualitativamente e com relatos pessoais, os motivos que ainda fazem com que muita gente não desista do futebol capixaba e analisar como essa paixão clubística pode ser gerada em um contexto totalmente adverso e fora dos holofotes que a prática esportiva de primeira linha tem.

Com base no engajamento dos torcedores, Damo (2014) cunhou o termo “Pertencimento Clubístico” para designar um tipo de comportamento que transcende o simples ato de torcer. Para ele, o ato de pertencer a um clube extrapola a noção de torcedor, mostrando ações que vão além de vibrar nas vitórias e sofrer nas derrotas.

¹ Campeonato Capixaba de 2019 teve a média de 824 pagantes por jogo. <https://globoesporte.globo.com/es/futebol/campeonato-capixaba/noticia/rio-branco-es-loco-abreu-e-estrela-do-norte-alavancam-o-publico-do-capixaba-2019.ghtml>

² Campeonato Carioca de 2019 teve 8.012 pagantes por jogo. Informação extraída de <http://app.globoesporte.globo.com/futebol/publico-no-brasil/campeonato-carioca/index.html>

³ Campeonato Paulista de 2019 teve 9.526 pagantes por jogo. Informação extraída de <http://app.globoesporte.globo.com/futebol/publico-no-brasil/campeonato-paulista/index.html>

1.2. Objetivo

Este trabalho tem por objetivo estudar como se constrói o pertencimento a uma comunidade por meio do torcer pela Desportiva Ferroviária no Espírito Santo. Os seguintes objetivos específicos são abordados:

- Compreender por que se tornar torcedor da Desportiva Ferroviária;
- Analisar o significado de ser torcedor da Desportiva Ferroviária, ou “ser grená”;
- Avaliar a relação de pertencimento dos torcedores com relação ao clube e à comunidade local;
- Avaliar quais as principais fontes de informação usadas pelos torcedores para buscar conteúdo do clube.

2. CENÁRIO DO ESTUDO

O estudo proposto neste trabalho tem como premissa analisar a relação de pertencimento entre os torcedores grenás e o clube Desportiva Ferroviária e a mesma relação de pertencimento deste grupo de torcedores com o estado do Espírito Santo. De antemão, é necessário esclarecer que ao longo deste estudo, em alguns momentos, serão utilizados relatos em primeira pessoa para mostrar experiências pessoais que foram vividas pelo autor do trabalho e que têm o intuito de explicitar o grau de envolvimento e pertencimento dos torcedores grenás com o clube.

Para compreender o estudo a ser realizado ao longo deste trabalho, é preciso resgatar algumas obras e fundamentar o caminho a ser traçado antes de chegar aos preceitos metodológicos que vão embasar a pesquisa e sua posterior análise de resultados. Os trabalhos destes autores, inclusive, vão servir de base para a tomada de resultados e sua avaliação ao término desta pesquisa.

Com a proposta de analisar o comportamento de torcedores da Desportiva Ferroviária no Espírito Santo, se torna necessário contextualizar que a literatura traz variados trabalhos que se propõem a abordar a temática da cultura de torcer por um clube de futebol no Brasil e no mundo.

2.1. Fundamentação teórica

Autores que trataram historicamente da propagação do futebol no Brasil avaliaram o início do comportamento de torcedor da população. Damatta et al., (1984) chegaram a citar a clássica frase “futebol é o ópio do povo”, devido à alienação dos brasileiros ante aos problemas enfrentados pelo país, dando preferência ao jogo.

Filho (1973) *apud* Souza (2008) destacam o uso político do futebol por governantes tendo em vista a imersão à qual a população passa por meio do ato de torcer. Souza (2008) ressalta ainda que certa vez, na década de 1930, o presidente Getúlio Vargas conversava com João Lyra Filho, membro do Conselho Nacional de Desportos. Este sugeriu que Getúlio realizasse a reforma

ministerial no momento em que o povo só pensava em futebol. Segundo Filho, o futebol mudava a rotina do povo brasileiro.

O chefe da Polícia já me fez observações parecidas. A ordem pública dorme nos dias de grandes jogos de futebol; os bordéis entram em maré-vazante, os botequins ficam às moscas e o próprio tráfego concentra-se numa só direção. Sei que o entusiasmo no estádio leva os próprios comunistas a se confraternizarem com os integralistas, entre abraços efusivos, se há gol nacional (Filho, 1973, *apud* Souza, 2008).

Tal citação histórica já evidencia que o futebol desde o início de sua expansão pelo país arrebatava muitos seguidores e causava reações curiosas. Neste caso, na década de 1930, antes mesmo do Brasil vencer sua primeira Copa do Mundo, em 1958, e até mesmo de sediar o primeiro Mundial, em 1950. Ou seja, na primeira metade do século XX já havia relatos da penetração do futebol pelo país e sua grande adesão por parte dos brasileiros.

Os autores aqui citados anteriormente têm como foco o início da popularização do futebol no território nacional, o surgimento da paixão dos torcedores e até mesmo o uso político deste sentimento. Já os tipos de comportamento do torcedor, as relações entre clube e torcida e o pertencimento gerado por esta troca são discutidos por outros trabalhos. Estes darão mais base a esta pesquisa, já que o enfoque será na forma como se moldam e se sustentam os sentimentos dos torcedores da Desportiva Ferroviária no Espírito Santo.

Em nível global, Wann e James (2019), destacam a importância de diferenciar fãs de esporte e espectadores de esporte. Os autores definem fãs de esporte como indivíduos interessados em seguir um esporte, time e um atleta específico, enquanto os espectadores de esporte são aqueles que ativamente presenciam um evento de esporte pessoalmente ou através de alguma mídia, como rádio, TV ou internet. Os autores descrevem uma abordagem de diferenciação de fãs baseado no nível de identificação a um time. Apesar de haver na literatura uma variedade de definições, um consenso é que a identificação a um time está associada a uma conexão psicológica entre o fã e o time.

Wann (2006) descreve as potenciais causas que levam alguém a se identificar com um time: causas associadas ao time em si, fatores psicológicos e razões ambientais. As razões associadas ao time se referem à história, tradição e sucesso do time, além da atratividade de seus jogadores. Causas ambientais podem ser associadas à socialização, a um time rival ou os jogos em um estádio específico, por exemplo. As razões psicológicas estão associadas ao indivíduo em si, incluindo a necessidade de se sentir parte de um grupo (THEODORAKIS et al., 2012).

Justamente sobre esta noção de grupo, Damo (2014) trabalhou o conceito de pertencimento clubístico. Com base em um trabalho etnográfico com torcedores do Grêmio Football Clube Porto Alegre, o autor percebeu que a escolha por um clube não é aleatória e atende a um sistema de pertença coletivo. Damo (2012) explica como cunhou este conceito.

A noção prestou-se não apenas para produzir um distanciamento em relação às noções nativas correspondentes – torcer, gostar, amar, ser apaixonado etc. – mas para especificar, no espectro do torcer, um segmento de público militante, não necessariamente pela frequência aos estádios, nem mesmo pelo vínculo a grupos organizados, mas emocionalmente engajado a ponto de estender as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele. Ainda que usados seguidamente como sinônimos, torcer e pertencer já não são exatamente o mesmo (DAMO, 2012, p. 65).

Recortando ainda mais a área de atuação do estudo, pautado no futebol capixaba, trabalhos sobre a relação do torcedor com o seu clube em um cenário desfavorável, com o time longe da fama e das grandes competições, terão significativa contribuição teórica e prática neste estudo.

Silva (2011) aborda o sentimento e as motivações que levam torcedores do Esporte Clube Democrata, de Governador Valadares, Minas Gerais, a apoiarem o time incondicionalmente. Em sua pesquisa, o autor ouviu torcedores de diferentes classes sociais e que têm em comum a paixão pelo Democrata. Aparece como um grande ponto de convergência entre os adeptos a relação de

pertencimento não só ao clube, como também à cidade. Silva também avaliou as motivações dos torcedores à luz dos conceitos de pertencimento.

Com esta mesma ótica, Rigo (2001) apresenta a paixão dos torcedores do Brasil de Pelotas, do Rio Grande do Sul. Em suas análises, também encontra os fortes laços de pertencimento de grupo, com a amizade fortalecida entre os torcedores e, também, o pertencimento à cidade de Pelotas e até mesmo raízes mais fortes do futebol com bairros locais.

Mesmo que tais trabalhos não sejam direcionados para o tema central deste estudo - os significados de torcer para a Desportiva Ferroviária no Espírito Santo – terão importante contribuição, tendo em vista contextos semelhantes em regiões diferentes do país, já que se passam em cidades de dimensões menores que a dos clubes do grande centro do futebol no país e também longe das primeiras divisões.

Além destas análises sobre a relação clube-torcida e o sentimento de pertencimento clubístico, também se faz necessária a inclusão de teóricos do campo das Territorialidades para entender as disputas presentes no âmbito cultural de um determinado território. Haesbaert (2006), que considera que a cultura, tradição e costumes de um povo são elementos de uma territorialidade. Este território cultural seria algo abstrato, não palpável, mas facilmente perceptível pelos agrupamentos, como a composição de torcidas de times de futebol.

Haesbaert (2006) entende como território cultural, aquilo que é embasado em aspectos que evidenciam os costumes e hábitos de um povo. Sendo assim, é possível classificar como território aquilo que é composto por diversas características comungadas por seus ocupantes, um produto da apropriação e valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço de vivência.

Dentro dessa lógica de território cultural, é possível fazer parte dele através de uma identificação, um sentimento de pertencimento. Para Hall (2005), o território é considerado como um signo cujo significado somente é compreensível a partir dos códigos culturais nos quais se inscreve. Estes signos e ideais são essenciais para o entendimento da formação de uma identidade dentro dos grupos.

Entender, então, o que compõe a identidade de uma sociedade específica se torna importante para o caso do futebol capixaba. Um dos estudiosos que conceitua e explica o processo de construção da identidade é Castells (1999). A identidade, para Castells (1999), é a fonte de significado e de experiência de um povo. Sendo assim, as características comuns de um povo, que auxiliam a compor o território cultural de Haesbaert (2006), formam também uma identidade.

A identidade para Castells (1999) é um apanhado de atributos culturais que, em um processo de construção, formam esta referência, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados.

Por toda a riqueza histórica e a carga cultural e emocional carregada pelo futebol, sem dúvida alguma pode ele ser uma matéria-prima para o processo de construção de identidades. Além de se aprofundar naquilo que a constrói, Castells (1999) também apresenta diferentes tipos de identidade.

Para ele, há uma identidade legitimadora, sempre ligada a “instituições dominantes que visam a expandir sua dominação”. Os conceitos são mais aplicados a regimes políticos de estados e nações, mas no contexto do futebol do Espírito Santo, vemos uma legitimação quase sem questionamentos da manutenção de uma cultura intimamente ligada a torcida pelos clubes de fora.

Há também a identidade de resistência, em que atores em posições desvalorizadas resistem ao domínio, e a identidade de projeto, que resulta na construção de novas identidades a partir da resistência. Neste sentido, Castells (1999) avalia como “projeto” a resistência que visa a ser dominante, como num anseio de tomar o poder.

Os torcedores de clubes capixabas de futebol, que trazem os seus depoimentos neste trabalho, compõem a identidade de resistência cunhada por Castells (1999). Para eles, não há objetivo de subverter a lógica dominante no estado. Basta apenas existirem na condição de um foco de resistência que não deixa morrer a cultura local.

A identidade de resistência leva à criação de comunas, vida em comunidade e agrupamentos e “as pessoas resistem ao processo de

individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em muitos casos, uma identidade cultural, comunal" (CASTELLS, 1999). É importante ressaltar que independente do resultado obtido pela resistência, só o fato dela existir já produz significado.

Tendo em vista a contribuição dos estudos aqui citados, em especial os que se referem ao pertencimento clubístico e a pertença à região de times fora do grande centro nacional do futebol, este trabalho traz sua cooperação à comunidade acadêmica fazendo este paralelo com o Espírito Santo por meio do relacionamento dos grenás apaixonados com a Desportiva Ferroviária.

2.2. Procedimentos metodológicos

Com as devidas considerações contextualizadas, este trabalho tem sua construção em torno do seguinte problema:

Como se constrói o pertencimento a uma comunidade por meio do torcer pela Desportiva Ferroviária no Espírito Santo?

O estudo em torno deste problema tem como principais objetivos:

- a) Compreender por que se tornar torcedor da Desportiva Ferroviária
- b) Analisar o significado dado pelo torcedor ao "ser grená"
- c) Avaliar a relação de pertencimento dos torcedores com relação ao clube e à comunidade local

O processo de escolha pelos torcedores da Desportiva Ferroviária se deu por algumas razões. A principal delas foi a motivação pessoal. Pelo fato de ser torcedor do clube, possui maior interesse em investigar o comportamento dos adeptos e justamente por acompanhar a Desportiva é que tive a percepção da necessidade de realizar um trabalho que mostrasse como a paixão deste grupo se mantém viva mesmo em um cenário de adversidades no qual o clube se encontra. Outro argumento é o fato de o campo ser pouco explorado em estudos acadêmicos no Espírito Santo, permitindo abertura para ampliar este leque e

colocando a ótica do torcedor como referência e maior fundamentação para a obtenção de resultados neste trabalho.

Após a escolha do objeto da pesquisa, foi preciso delimitar o grupo a ser estudado e qual modelo metodológico a ser adotado para o levantamento dos dados e sua posterior análise. A metodologia a ser aplicada se baseia em duas frentes: observação de campo e pesquisa qualitativa, por meio de questionário semi-estruturado.

Para alcançar os objetivos traçados anteriormente é preciso buscar as respostas juntamente com o público-alvo deste trabalho e analisá-las não apenas com base nos números que serão entregues em sua consulta, mas em todo um contexto social e cultural que forma o ato de torcer por um clube capixaba, em especial a Desportiva Ferroviária. Até porque uma ação como torcer pelo clube grená de Cariacica está atrelada a uma série de motivações subjetivas, no campo das emoções de um indivíduo.

Tendo em vista este fator da paixão clubística, se torna essencial a realização de uma análise qualitativa, que não se prende apenas ao meio quantitativo, tomado por levantamento e organização de dados. Minayo (2001) considera a pesquisa qualitativa fundamental para a compreensão de fenômenos vividos, sentidos e contados pelos sujeitos da observação.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização. (MINAYO, 2001, p. 21)

Tendo em vista que o objeto deste trabalho, as motivações que levam à escolha por torcer pela Desportiva Ferroviária, está em um universo de motivos, crenças, significados, entre outros, a utilização do método qualitativo se mostra pertinente. Para Minayo (2001), a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, o que não pode ser perceptível em equações e médias.

Entre as justificativas para a escolha do tema e a realização deste trabalho de pesquisa, elenquei que comungo da torcida pela Desportiva Ferroviária e acompanho fielmente os jogos do clube. Dessa maneira, inclusive, é que consegui contato com diversos torcedores que exalam esta paixão de diversas formas. Este prévio contato com o objeto de estudo compõe uma fase exploratória da pesquisa. Segundo Minayo (2001), é necessária uma aproximação maior com o campo de observação para que a partir daí as outras etapas da pesquisa sejam delimitadas.

Para a aplicação da pesquisa qualitativa, o método para a obtenção dos dados junto aos investigados foi o de questionário com perguntas semi-estruturadas, em que há perguntas pré-estabelecidas, mas também abertas para o livre discurso do entrevistado.

De acordo com Minayo (1992), após a definição do modelo metodológico a seguir, é preciso delimitar a amostragem, determinar como será feita e realizar a coleta de dados e se debruçar sobre a posterior análise dos resultados obtidos. Por se tratar de uma medição qualitativa, o critério numérico não é o principal a ser determinado, como seria em um levantamento quantitativo. Uma pergunta importante neste item é "quais indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema a ser investigado?". A amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões (MINAYO, 1992).

Com esta lógica em vista, foram selecionados 10 torcedores grenás para participarem da pesquisa. Neste grupo, para dar uma maior equidade, foi feita uma divisão igualitária entre "torcedores organizados" e "torcedores comuns", com cinco de cada categoria. Os primeiros são os que fazem parte de entidades conhecidas como torcidas organizadas, sendo a maior e consultada neste trabalho a Torcida Organizada Grenamor. Já os citados por último fazem parte do grupo de torcedores que frequenta os jogos, tem sua paixão pelo clube, mas nenhum vínculo com alguma associação que representa a torcida. Dentro do contexto dos torcedores da Desportiva Ferroviária, este último grupo é conhecido como "povão". A diferença entre estas duas categorias de torcedores, se é que

assim podem ser chamadas, serão melhor detalhadas nos próximos capítulos, servindo de base para a compreensão da coleta dos dados.

Além da participação ou não em grupos de torcidas organizadas, foi utilizado um recorte de idade, buscando englobar personagens de faixas etárias diferentes, tendo em vista momentos históricos marcantes do clube, que também serão explicados nos capítulos posteriores. Para adiantar, o clube passou por mudanças em sua identidade que o tirou de atividade por mais de uma década, causando um certo hiato na formação de torcedores de gerações mais novas dentro deste período.

Portanto, a estes torcedores selecionados foram destinadas as seguintes perguntas:

1. Por que você torce para a Desportiva Ferroviária?
2. Acompanha as partidas? De que forma?
3. Torcer pela Desportiva faz com que você se sinta mais capixaba? Por quê?
4. Torce também para algum clube de fora do estado?
5. Qual o significado de ser grená para você?
6. Como acompanha as notícias do clube?

As entrevistas foram aplicadas por meio de questionário via internet (disponível no Anexo 1) com campos específicos para maior aprofundamento das respostas e também com simples seleção de alguma das opções de resposta, como no caso do meio por qual acompanha as notícias da Desportiva. Além da organização das respostas por meio de questionário online, as entrevistas também foram feitas presencialmente durante o período entre a disputa do Campeonato Capixaba e a Copa Espírito Santo de 2019.

Dentro deste modelo de pesquisa, também cabe a atuação do pesquisador com práticas de interpretação que facilitem a análise do conteúdo obtido por meio das questões feitas aos investigados. Por isso, além da pesquisa qualitativa por meio das perguntas semi-estruturadas, o outro meio metodológico a ser aplicado foi a observação de campo. Por meio da presença do pesquisador diretamente no campo de trabalho com observações e anotações é possível

entender melhor os meandros do problema investigado e também a sua contextualização. Minayo (2001) classifica esta técnica como *observação participante* e considera que ela se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre o tema em si e a realidade dos atores sociais estudados, além dos contextos que eles carregam.

Por já ter declarado anteriormente que possuo grande afinidade pessoal com o objeto de estudo, esforços foram tomados para que a observação participante no trabalho não fosse contaminada apenas por depoimentos que confirmassem apenas o que eu acredito ser verdade. Entre eles, deixar de acompanhar as partidas como um torcedor na arquibancada e passar a acompanhar com o olhar de pesquisador, voltado para as reações da torcida.

Além disso, a escolha dos entrevistados, que será explicada adiante, também teve como um dos critérios buscar fontes com a qual não tenho relações pessoais e não conheço os posicionamentos com relação ao clube e à paixão grená.

Para Flick (2004), os registros de campo servem para notificar toda a experiência do processo produtivo, além da aproximação do pesquisador com o campo e com os sujeitos estudados. Deste modo, funcionando como um diário de bordo, experiências vividas pelo próprio autor da pesquisa durante a produção do trabalho são consideradas para a análise crítica dos resultados que virão da coleta de dados aplicada.

No caso desta pesquisa em questão, o trabalho de campo pode ser considerado constante, já que não é constituído apenas da aproximação com o objeto durante o período de estudo. Por ser um objeto ao qual tenho contato desde a infância e permanecerei tendo ao longo da vida, é possível afirmar que o meu conhecimento prévio acerca dos problemas que serão apresentados pelos sujeitos da investigação seja utilizado como uma das técnicas de análise dos resultados.

Esta atuação mais profunda é classificada na literatura antropológica como *observação participante*, conceito já citado anteriormente e utilizado por

Minayo (2001). Para Cardoso (2004), o trabalho de campo tem extrema relevância e deve ser levado em consideração nas análises qualitativas devido a interferência do pesquisados como sujeito observador dos conflitos presentes dentro do objeto escolhido. Cardoso (2004) ressalta, no entanto, que, por mais fiel que seja a captação da realidade vivida pelos atores pesquisados, é preciso também ter um compromisso teórico-metodológico com o estudo.

Minayo (2001) acrescenta que não basta restringir a pesquisa tão somente à apuração de resultados e praticar a sua análise.

Para além dos dados acumulados, o processo de campo nos leva à reformulação dos caminhos da pesquisa, através das descobertas de novas pistas. Nessa dinâmica investigativa, podemos nos tomar agentes de mediação entre a análise e a produção de informações, entendidas como elos fundamentais. Essa mediação pode reduzir um possível desencontro entre as bases teóricas e a apresentação do material de pesquisa (MINAYO, 2001, p. 62).

Sendo assim, além dos resultados oriundos da pesquisa qualitativa por meio de perguntas semi-estruturadas com os torcedores da Desportiva Ferroviária, a minha observação e participação no campo também será relatada e levada em consideração na análise dos resultados no desenrolar deste trabalho.

2.3. Os torcedores pesquisados

Como citado anteriormente, os torcedores da Desportiva participantes desta consulta foram selecionados pelo critério de atuação ou não em grupos de torcidas organizadas. Foram cinco membros da Torcida Organizada Grenamor escolhidos para responderem ao questionário e relatarem suas relações de paixão com o clube.

A Torcida Organizada Grenamor foi fundada no dia 12 de junho de 1976, em um Dia dos Namorados, o que inspirou a junção do nome Amor ao Grená, cor predominante da Desportiva Ferroviária. Atualmente, a torcida é a que possui mais participantes e que se faz mais presente nos jogos da Desportiva,

independentemente do local de atuação. Segundo os registros da Grenamor, membros da entidade estiveram presentes em todos os jogos do clube desde 2008, quando a torcida voltou às arquibancadas após um hiato de sete anos. Neste período de 2008 a 2019 há viagens para o Mato Grosso, Rio Grande do Norte, Goiás, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro para acompanhar jogos do clube em competições de âmbito nacional.

Um destes membros da Grenamor é AA. Presidente da torcida organizada por uma década, AA é uma das figuras mais conhecidas do Estádio Engenheiro Araripe, casa da Desportiva, em Jardim América, Cariacica. Pela sua atuação constante como líder na arquibancada, o torcedor de 42 anos tem o reconhecimento de atletas, dirigentes e até dos rivais.

Com ricas histórias desde sua infância e adolescência, AA tem uma vida intimamente ligada à Desportiva e considera sua paixão pelo clube algo acima do simples ato de torcer, reforçando os preceitos de pertencimento clubístico de Damo (1998). As respostas de AA e seus relatos se fazem presente nos capítulos que virão adiante com a avaliação dos resultados obtidos durante a aplicação da pesquisa.

Outro torcedor membro da Torcida Organizada Grenamor selecionado foi o advogado AP, de 34 anos. Presença constante nas arquibancadas, é também uma voz oficial da torcida por meio da autoria de posicionamentos e notas oficiais que manifestam apoio e cobrança ao clube em determinados momentos. Também é bastante atuante em deslocamentos inter-municipais e inter-estaduais da Grenamor para acompanhar as partidas da Desportiva.

O grená DK, de 35 anos, é outro membro da Torcida Organizada Grenamor a fazer parte deste levantamento. Responsável por tocar um instrumento chamado murga, usado comumente em torcidas argentinas, DK é o líder da bateria da torcida e uma figura essencial durante os jogos, já que é ele quem dita o ritmo das músicas que contagiam os demais torcedores e, por consequência, os jogadores em campo.

JF, de 28 anos, é o atual presidente da Grenamor. Atuante dentro da torcida desde jovem hoje é responsável pela organização de excursões, das

concentrações para as partidas e também da logística de atuação da torcida nas arquibancadas. Por também estar intimamente ligado à Desportiva será um dos torcedores consultados nesta pesquisa.

TN, de 26 anos, é uma das torcedoras que fazem parte do núcleo feminino da torcida, chamado de Grenamor Estação Feminina. Sua participação como torcedora ativa de uma organizada chama a atenção por superar as barreiras que já existem no processo de escolha de um time capixaba e também os obstáculos impostos à presença da mulher no futebol.

Figura 1. Torcida Grenamor na final do Capixabão 2016.



Fonte: ("Facebook: Desportiva Ferroviária", [s.d.]

Além destes cinco torcedores que fazem parte da Torcida Organizada Grenamor, também farão parte da pesquisa outros cinco adeptos da Desportiva Ferroviária que não são membros oficiais de algum grupo organizado, mas que também se fazem presentes nas partidas e comungam do sentimento da paixão pelo clube. Como citado anteriormente, estas pessoas são classificadas como torcedoras do povão. Apesar de uma certa conotação pejorativa, o termo é usado comumente para se referir àqueles torcedores que ocupam setores da arquibancada onde não há a presença das organizadas, mas que igualmente representam a paixão pelo clube. Não fazem parte de um grupo institucional de

torcedores, porém frequentam fielmente os estádios e exercem o ato de torcer carregando também uma série de ricas histórias.

O engenheiro VM, de 37 anos, inclusive já fez parte de torcida organizada. Atualmente, é mais um membro do povão, só que bastante atuante inclusive no dia a dia do clube, participando como sócio patrimonial da Desportiva. Costuma acompanhar os jogos com grupos de amigos e está sempre bem informado sobre os bastidores grenás.

O bancário aposentado LF, de 66 anos, é torcedor de longa data da Desportiva. Mesmo sem nunca ter participado de grupos de torcida organizada, tem notoriedade nas arquibancadas do Engenheiro Araripe por conseguir aglutinar torcedores em torno de alguns projetos. Por exemplo, quando o clube não possuía fornecedores de material esportivo com uma venda abrangente na Grande Vitória, ele projetava e pedia a confecção de modelos de camisa, principalmente retrô, para um grupo numeroso de torcedores, sendo assim bastante conhecido no estádio.

CB, 77 anos, é um ícone da torcida grená. Mesmo com a idade avançada, é conhecido por não perder um jogo da Desportiva. E não apenas os jogos disputados dentro de casa, em Cariacica, inclusive onde ele mora. Seu Carlinhos, como é chamado, é conhecido justamente por viajar e estar presente em quase todas as excursões de torcedores no interior do Espírito Santo. Nem mesmo situações de risco e adversidades que surgem em viagens ao interior capixaba, como provocações e brigas com torcedores rivais, o afastam das viagens. Tratado como um exemplo para as novas gerações, os ricos relatos de Seu Carlinhos foram colhidos por meio de entrevista presencial.

Outro torcedor da velha guarda a fazer parte desta pesquisa é o fotógrafo NM, de 66 anos. Por muitos anos, desempenhou o trabalho de fotojornalista cobrindo as partidas do futebol capixaba. Após sua aposentadoria das redações, virou figurinha carimbada nas arquibancadas do Engenheiro Araripe expressando seu apoio incondicional à Desportiva e também comparecendo em partidas fora de casa.

Fechando este grupo de torcedores está o administrador de empresas JJ, de 29 anos. Outro que faz parte do grupo popular da arquibancada grená, JJ, como é conhecido, leva tão à sério a paixão pelo clube que fez a Desportiva parte de um momento especial de sua vida. No intervalo de uma partida da Copa Espírito Santo de 2015, pediu a namorada em casamento no gramado do Engenheiro Araripe, eternizando a Desportiva também em seu relacionamento amoroso.

2.4. Organização do estudo

Tendo em vista a utilização das técnicas metodológicas apresentadas neste segundo capítulo, os próximos passos deste trabalho visam a contextualização do histórico da Desportiva Ferroviária dentro do futebol do Espírito Santo e a relação dos seus torcedores com ela, dentro deste contexto cultural e esportivo.

Para explorar esta relação, serão apresentados os resultados das perguntas aos torcedores juntamente à sua análise. Para entender o que estes resultados representam, farei uso de minha observação participante. Com as anotações e registros de campo, será possível interpretar as respostas da pesquisa qualitativa com um olhar mais profundo e presente dentro do objeto de investigação.

A análise das respostas apresentadas pelos torcedores será feita com base em duas óticas: a do pertencimento clubístico e a do pertencimento à região, sendo este último tendo também uma análise sobre a relação dos torcedores com a mídia local.

No terceiro e próximo capítulo, será feita uma contextualização histórica sobre a Desportiva Ferroviária, desde o seu surgimento em 1963 até os dias atuais. Entender o histórico de glórias, títulos e também os fracassos deste clube cariacaquense é de extrema importância para conhecer os motivos que fazem com que capixabas escolham a Tiva para torcer. Aspectos da administração da Desportiva ao longo dos anos também são cruciais para compreender o que

levou a agremiação a se distanciar das divisões protagonistas do futebol brasileiro. Neste mesmo capítulo, além desta contextualização histórico, serão apresentadas as respostas dos torcedores consultados com base nos preceitos do pertencimento clubístico de autores citados anteriormente, como Damo (1998), que considera o “pertencer” maior que o ato de torcer.

No quarto capítulo, as respostas dos torcedores continuarão a ser exploradas. Desta vez, com fundamento na relação destas pessoas com a região estudada, o estado do Espírito Santo. Para isso, autores como Silva (2001) que falam sobre torcida em centros pequenos do futebol brasileiro e teóricos da identidade e territorialidade também dão sustentação às análises. As formas como estes torcedores se informam sobre a Desportiva e a relação deles com os veículos jornalísticos do estado também serão citados dentro deste contexto.

Dentro destes dois capítulos, também lançarei mão de minha observação participante com relatos das experiências vividas junto ao clube e aos torcedores consultados na pesquisa. Por fim, a conclusão trará o apanhado de dados levantados apontando quais elementos mais interferem na paixão dos torcedores da Desportiva e o que pode ser levado em consideração para medidas a serem aplicadas no futuro.

3. A HISTÓRIA E O PERTENCIMENTO À DESPORTIVA FERROVIÁRIA

Frequentar as arquibancadas do estádio do seu clube do coração e viver o cotidiano do time são características comuns a muitos torcedores. Mas quando a conexão é intensa e extrapola o simples ato de torcer, este mesmo torcedor passa a pertencer ao clube. Segundo Damo (1998), torcer passa a ser algo menor perto do pertencimento clubístico, que é a junção de elementos culturais e contextos históricos que moldam o engajamento de um torcedor.

No caso da Desportiva Ferroviária, seus torcedores evidenciam este tipo de comportamento com um intenso pertencimento ao clube. Tais características ficam perceptíveis na observação participante realizada com os torcedores. Em alguns casos, estes chegam a participar ativamente da administração do clube,

tamanho o pertencimento. Nestes casos, um pertencimento não só de sentimento.

Para compreender melhor este sentimento, é necessário um breve passeio histórico pelo clube e também pelo futebol profissional praticado no Espírito Santo desde o século XX, dentro do contexto da ampliação da prática futebolística pelo país.

3.1. Expansão do futebol no Brasil

No Brasil e em diversos lugares do mundo é sabido que o futebol é um dos elementos que mais atraem multidões e geram paixões. Quem é mais agraciado e pode morar perto do seu clube do coração pode ainda ter a experiência de acompanhar o clube do coração bem de perto, nos estádios..

Desde que nasci, é assim. Olhos vidrados na televisão e ouvido grudado no rádio, acompanhando cada detalhe, rodada após rodada. Este é um hábito que muitos brasileiros adquirem desde cedo. Para Guedes,

O futebol é um dado cultural inegável da sociedade brasileira, responsável por manifestações coletivas de grandes proporções. Milhões de pessoas das mais diversas classes sociais se unem todos os dias da semana dentro de um estádio ou em volta de um rádio ou de uma televisão para torcerem pela vitória dos seus times. Discussões acalentadas são travadas nos mais diversos recantos do país. Quando a seleção brasileira participa da Copa do Mundo, em nenhuma outra atividade cultural os ideais de patriotismo, de civilismo e de nacionalismo se mostram tão exacerbados. Nesta época, vive-se a experiência da identificação nacional, da qual poucas pessoas conseguem escapar (GUEDES, 1998 *apud* SOUZA, 2008).

Há um consenso até entre os que não são apreciadores do futebol de que ele realmente é uma das paixões nacionais. Como disse Guedes (1998 *apud* SOUZA, 2008), principalmente quando há Copa do Mundo, o patriotismo se aflora.

As edições de Copa do Mundo contribuíram de maneira decisiva para a

formação de uma identidade nacional relacionada ao futebol. No ano de 1930, com o torneio sendo disputado no Uruguai, o Brasil jogou apenas duas partidas, contra a antiga Iugoslávia e contra a Bolívia, sendo eliminado na primeira fase. Até então o esporte era embrionário por aqui. Mas, começou a atrair os olhares e a paixão de muita gente. Observando o crescimento da popularidade do esporte no país, o próprio Estado passou a olhar de maneira diferente para o futebol.

O autor Denaldo Alchorne de Souza (2008) conta que certa vez, na década de 1930, o presidente Getúlio Vargas conversava com João Lyra Filho, membro do Conselho Nacional de Desportos. Este sugeriu que Getúlio realizasse a reforma ministerial no momento em que o povo só pensava em futebol. Segundo Filho, o futebol mudava a rotina do povo brasileiro.

O chefe da Polícia já me fez observações parecidas. A ordem pública dorme nos dias de grandes jogos de futebol; os bordéis entram em maré-vazante, os botequins ficam às moscas e o próprio tráfego concentra-se numa só direção. Sei que o entusiasmo no estádio levou os próprios comunistas a se confraternizarem com os integralistas, entre abraços efusivos, se há gol nacional (Filho, 1973, *apud* Souza, 2008).

Este sentimento que começou a ser moldado na década de 1930 foi se perpetuando pelas demais décadas. A partir de 1950, com a construção no Rio de Janeiro do Maracanã, então maior estádio do mundo, e com o primeiro título mundial do Brasil em 1958, na Suécia, a paixão se consolidou de vez. Foram surgindo ídolos nacionais como Leônidas da Silva, Garrincha, Didi e Pelé. Seus sucessos com a camisa da Seleção Brasileira impulsionavam milhões de brasileiros. Mas, Copas do Mundo são disputadas de quatro em quatro anos, e demais compromissos do “scratch” canarinho aconteciam entre maiores intervalos de tempo, gerando uma necessidade de envolvimento mais diário, que chega com os clubes.

A expansão do sentimento do torcedor e o surgimento cada vez maior de apaixonados pelo futebol também fez com que vários clubes profissionalizassem

suas atividades futebolísticas. Ao final do século XIX e início do século XX era comum termos no Brasil clubes dedicados exclusivamente ao remo. Por ser um esporte majoritariamente de elite e observando cada vez mais a adesão maciça da população ao futebol, estes clubes passam a se dedicar mais a este esporte. Além disso há a fundação de clubes dedicados somente ao futebol.

O Fluminense Football Club foi o primeiro clube do país a se dedicar exclusivamente ao futebol⁴. Na época, era um clube totalmente voltado para as elites, já que esporte e cultura eram de acesso dos mais abastados financeiramente da época. Uma divergência entre atletas na segunda década do século fez com que alguns jogadores saíssem do Fluminense para levar o futebol ao Clube de Regatas do Flamengo, que tinha apenas atividades de remo. Isso explica um pouco o início da popularidade do clube que hoje tem a maior torcida do país, que, neste fato, trouxe para si torcedores de camadas mais humildes.

3.2. Início das atividades no futebol capixaba

No Espírito Santo, o primeiro clube profissional surgiu na capital. Fundado em 1912, o Vitória Futebol Clube, sediado no bairro de Bento Ferreira, foi o primeiro a ser criado em terras capixabas. A história da fundação do 'Vitorinha', apelido carinhoso do clube, mostra um pouco do que era o futebol na época, não só no estado, mas em todo o país. Os principais idealizadores do clube eram de família rica, o que mostrava o panorama da época, onde o esporte era mais comum às classes mais abastadas.

Os principais idealizadores do *Victoria*, Nelson Monteiro e Jair Tovar, eram filhos de famílias ricas. Parente do governador Jerônimo Monteiro (1908-1912), Nelson estudou no Rio de Janeiro e é provável que tenha trazido algumas das primeiras bolas vistas no Espírito Santo. A maior novidade esportiva da época, o *foot-ball*, já era jogado no Gymnasio Espírito-santense,

⁴ O futebol chegou ao Brasil por intermédio de Charles Miller. Apesar do nome, era brasileiro. Viajou para a Inglaterra para estudar. Na volta, em 1894, trouxe consigo uma bola e um conjunto de regras para aplicar no novo esporte. A primeira partida disputada no país aconteceu em 1895 entre os funcionários da Companhia de Gás e a Companhia Ferroviária Railway.

colégio secundarista, comprovadamente desde 1908 e provavelmente desde 1906. Lá, Jair Tovar teve como colegas vários dos meninos que viriam a criar o *Victoria* (MARQUES, 2012).

Praticado nos ginásios de colégios de classe alta, o futebol ainda era muito restrito e pouco conhecido nas demais camadas sociais da população. No ano seguinte à fundação do Vitória Futebol Clube, o surgimento de outro grande clube contribuiu com a posterior popularização do futebol em terras capixabas.

O Rio Branco, principal rival da Desportiva Ferroviária, foi fundado em 1913. Um fator preponderante da sua fundação deve ser destacado como crucial para a entrada de classes sociais menos favorecidas na prática esportiva.

No Espírito Santo, como no restante do Brasil, o futebol era exclusivo às classes mais ricas da sociedade. Quem quisesse jogar futebol, mas não tinha condições financeiras para tanto, teria que usar uma 'bexiga de boi', em vez da tradicional bola de couro (DIAS; NOVO, 2013).

Cansados com tal situação, três jovens capixabas resolveram mudar esse cenário. Juntos com outros adeptos do então 'football', se reuniram e decidiram fundar um clube próprio, que seria aberto à população em geral. Por ser formado por maioria de jovens, o clube ganhou nome de 'Juventude e Vigor', que veio a se chamar Rio Branco quatro anos mais tarde.

Como vimos, em meados da década de 1930 o futebol passa a se popularizar de vez no país. No Espírito Santo não é diferente. Antes disputado só na capital Vitória, a partir da década de 1930, times de outras regiões do estado passam a disputar o Campeonato Capixaba. Nesta primeira parte do século XX, há uma hegemonia do Rio Branco, que domina o cenário estadual, composto ainda por poucos clubes.

3.3. O clube dos ferroviários ganha forma

As coisas começam a mudar no esporte capixaba a partir da década de 1960, mais precisamente em 1963, quando cinco agremiações de funcionários da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), responsável pela Estrada de Ferro Vitória Minas, se uniram para formar a Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio

Doce. A fusão se deu devido à popularização do esporte entre os ferroviários, em especial funcionários da Vale.

Entre estes funcionários ferroviários era comum a prática esportiva e a disputa de competições entre si. Os times oriundos dessa prática eram: Associação Atlética Vale, Ferroviário Sport Clube, Valério, Guarany e Cauê.

Marques (2009) evidencia que a pluralidade de clubes oriundos da empresa estatal começava a acarretar problemas para a sua gerência. As cinco agremiações futebolísticas recebiam aporte financeiro da CVRD. Mas, com muitos clubes, muitos eram os pedidos de auxílio e também a disputa interna entre eles. Se a CVRD ajudasse um clube de uma forma, os outros também exigiriam o mesmo ou melhor tratamento.

Com este impasse, a ideia de fusão dos clubes começou a ser mais bem trabalhada. Com este intuito, a Vale do Rio Doce instaurou uma comissão responsável por analisar formas de realizar esta fusão. Os trabalhos, no entanto, não foram fáceis, segundo Marques (2009), e, apenas três anos depois, uma assembleia deliberou e pôs fim aos cinco clubes. Os ferroviários ali presentes que decidiram, voto a voto, pela fusão, mal sabiam que estavam selando o destino do futebol capixaba.

Numa noite de segunda-feira, 17 de junho de 1963, nascia a Associação Desportiva Ferroviária Vale do Rio Doce.

Faltava apenas um voto e tudo estava empatado. A tensão no auditório era total. E quem seria o homem predestinado, ou condenado, a fazer do seu voto uma sentença? A decisão coube a Waldomiro Pereira Lima, presidente do Esporte Clube Guarany. Dá para imaginar o alvoroço que tomou conta da sala. Gestos, gritos e tentativas de persuasão surgiram de todos os cantos (...) Waldomiro, então, pronunciou três palavras que bem valeriam um livro só para elas. “Sou pela fusão”, ele disse. E não precisava dizer mais nada. Era o começo de tudo. Era a alegria! Mas era também a tristeza. Uma paixão que nascia de mãos dadas com a dor dos adeuses forçados. Sentimentos conflitantes. Parecidos, mesmo, com os que se sente quando o trem está a ponto de partir. Ah, corações ferroviários! Mal sabiam as emoções que ainda estavam por vir. (MARQUES, 2009, p. 41)

No primeiro compromisso nos gramados, a Desportiva não usou a tradicional cor grená e sim o verde e amarelo. O grená passaria a vestir o clube dois anos depois. O 'canarinho' era uma alusão às cores dos times que a originaram. Em campo, o primeiro jogo foi um revés de 2 a 1 para o Atlético de Vila Velha. O primeiro gol oficial da Tiva foi marcado pelo centroavante Luizinho, que veio a ser um dos grandes artilheiros da história do clube.

Figura 2. Primeiro time da Desportiva Ferroviária.



Fonte: (MARQUES, 2009)

O primeiro confronto entre Desportiva e Rio Branco, que viria a ser o maior clássico do nosso futebol, aconteceu já no ano de 1963. Houve derrota por 3 a 1, mas, até então, a Tiva era uma equipe embrionária, um clube em formação diante de um já 'cinquentão' Rio Branco.

Dali em diante, o que se viu foi uma total mudança de panorama no futebol capixaba. Até então, o Rio Branco dominava o cenário estadual com 23 títulos

conquistados nos 46 campeonatos disputados⁵. Com a Desportiva em atividade, o Rio Branco conquistou 14 títulos contra 18 do clube ferroviário. Número que comprova a clara mudança de predomínio nos títulos e que deixa clara a dualidade que passou a tomar conta do futebol capixaba.

Um grande clube não existe sem um grande rival. Eles precisam coexistir e como a Desportiva surgiu 50 anos depois do clube alvinegro, o simples fato de começar a ganhar tudo já a credenciou como força a ser batida. Gerando assim a grande rivalidade.

Para deixar claro que veio para ficar, a Desportiva, já em 1964 levantou o seu primeiro troféu profissional. O título estadual daquele ano veio com contornos de drama e com o começo da rivalidade com o time 'capa-preta', apelido dos riobranquenses.

Ao final daquele torneio, a Desportiva, ainda trajando verde e amarelo, emplacou quatro vitórias seguidas contra o maior rival. Sendo uma, um grande drama. Vitória na prorrogação e nos pênaltis. Nas finais, duas vitórias contra o já maior rival.

Os jogadores que entraram em campo naquele título de 1964 e que ergueram a primeira taça do clube ferroviário foram: Vicente, Wilson, Juca, Alcione, Mateus, Jaeder, Earl, Maurélio, Arinos, Silvinho, Bezerra e Cunha⁶.

Em 1965, veio a dobradinha. Novo título estadual e o bicampeonato. Desta vez, numa campanha impecável e com o título nos dois turnos, como previa o regulamento da época, isentando a Desportiva de disputar as finais daquele ano. Este título já pode ser comemorado com o clube trajando o tradicional grená, que perdura até hoje. Tudo isso porque, naquele ano, uma história de que a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) não permitiria uniformes semelhantes ao da Seleção Brasileira, começou a circular no clube. Bom para

⁵GAZETAESPORTE. **Conheça todos os campeões capixabas da história.** Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2009/06/101986-conheca+todos+os+campeoes+capixabas+da+historia.html>. Acesso em: 08 jul. 2019.

⁶Por um atraso no calendário de competições da Federação, o campeonato de 1964 foi disputado a partir de janeiro de 1965. No jogo do título, vitória da Desportiva sobre o Rio Branco por 3 a 2, com dois gols de Bezerra e um de Cunha.

os torcedores, que foram premiados com a linda cor grená que passou a vestir a Desportiva dali em diante.

De grená, a Tiva continuou escrevendo a sua rica história nos gramados capixabas e aumentou a sua coleção de títulos para 18, com o último sendo conquistado em 2016.

Privilégio de poucos clubes do Espírito Santo, a Desportiva Ferroviária tem o seu próprio estádio. Com inauguração em 1966, o Estádio Engenheiro Alencar de Araripe, conhecido popularmente como Araripe para os torcedores, fica em Jardim América, Cariacica, às margens da BR-262 e defronte à Estação Ferroviária Pedro Nolasco, bem sugestivo para o clube. O estádio virou a casa grená. Naquela época, foi inaugurado ainda com arquibancadas de madeira. Passado por reformas e concretagem das bancadas, hoje o Araripe tem capacidade liberada pelo Corpo de Bombeiros de oito mil espectadores. Mas, já chegou a receber públicos superiores a 20 mil pessoas, como será mostrado adiante.

O estádio passou por reformas em 2013 para ser considerado um centro de treinamento credenciado pela FIFA para a Copa do Mundo de 2014, disputada no Brasil. Na ocasião, o Araripe foi sede da seleção da Austrália e recebeu melhorias no gramado, a colocação de placar eletrônico, pintura nas arquibancadas e reformas nos vestiários.

Figura 3. Engenheiro Araripe após reformas em 2013.



Fonte: (GLOBOESPORTE.COM, [s.d.])

Figura 4. Engenheiro Araripe após reformas em 2013.



Fonte: (GLOBOESPORTE.COM, [s.d.])

3.4. Repercussão nacional

Com o Engenheiro Araripe pronto e com vários títulos estaduais no bolso, a Desportiva passou também a disputar competições nacionais e, por vezes, a Série A do Campeonato Brasileiro, nas décadas de 1970, 1980 e início dos anos 1990.

Mas, as campanhas mais marcantes do clube grená em nível nacional foram na Segunda Divisão. Em 1994, uma vitória contra o América de Natal colocou a Desportiva na fase semifinal da Série B⁷. O adversário foi o Goiás e o que se sucedeu em campo trouxe marcas negativas e insuperáveis até hoje. No jogo de ida, tudo a mil maravilhas. Vitória dos capixabas por 2 a 0. O time goiano precisaria vencer por dois de diferença para subir para a primeira divisão, já que fez melhor campanha na fase inicial.

Classificada como a ‘derrota do apito’, a partida da volta, no Serra Dourada, em Goiânia, contou com um clamoroso erro de arbitragem que mudou o destino da Desportiva e do futebol capixaba naquela década.

O jogo estava ficando à feição do time de Jardim América. Então, aos 29 minutos da etapa complementar, a Desportiva tomou um contra-ataque. Dill entrou cara a cara com Dirley, que saiu da grande área para cortar a jogada. O zagueiro Rocha também correu em direção à bola, mas o atacante chegou primeiro, tocando-a para o gol e saltando, na sequência, sobre o goleiro. Na cobertura, Silvério se esticou todo e salvou, cortando a bola antes de ela ultrapassar a linha. O jogador goiano lamentava a perda daquela que tinha sido a grande chance de sua equipe, quando o juiz Edmundo Lima filho apontou para a marca da cal. Pênalti. E foi assim que a Desportiva viu tudo rui. Baltazar bateu forte e fez 2 a 0. A Desportiva ainda teve chance de diminuir, mas não conseguiu. Para completar, o juiz encerrou a partida aos 44 minutos do segundo tempo. O prejuízo causado ao clube é incalculável. A imprensa capixaba chiou, mas não deu em nada. A Desportiva morreu mesmo no apito do juiz. (MARQUES, 2009, p. 214)

⁷No Campeonato Brasileiro da Série B de 1994, a Desportiva passou em primeiro lugar de seu grupo na primeira fase. Na segunda fase da competição, foram formados quatro grupos com quatro times. A Tiva ficou ao lado dos nordestinos Santa Cruz (PE), América (RN) e Moto Clube (MA). Uma vitória por 1 a 0 contra o América colocou a equipe capixaba nas semifinais contra o Goiás. Quem passasse deste confronto subia para a Série A do Brasileiro.

A um passo de subir para a primeira divisão. Ou a um soar do apito do árbitro Edmundo Lima Filho. Assim ficou a Desportiva em 1994. A perda do acesso para a Série A parecia que iria trazer traumas irreversíveis para os grenás. O abalo psicológico por aquela derrota é notado até hoje por torcedores mais antigos, que vivem resmungando de tal situação.

Apesar do revés marcante, quatro anos depois o trauma parecia, em campo, ter sido superado. Novamente a Desportiva disputou a fase final da Segunda Divisão e disputou jogo a jogo o acesso para a Primeira Divisão.

Naquele ano, após excelente campanha na fase de classificação da Segunda Divisão, a Desportiva se classificou entre os oito melhores para disputar as últimas fases⁸. Em jogo marcante contra o Botafogo de Ribeirão Preto, a Desportiva precisava de uma vitória e de um empate entre XV de Piracicaba e Criciúma para se classificar para o quadrangular final.

A vitória veio no Araripe e o empate improvável em Santa Catarina veio no fim. Àquela altura, jogadores e torcedores escutavam no rádio o final do jogo no Sul do Brasil.

Após este jogo épico, restavam quatro equipes na disputa por duas vagas na Primeira Divisão. Desportiva, Botafogo de Ribeirão Preto (SP), Gama (DF) e Londrina (PR). Infelizmente, mais uma vez, a chance bateu na trave, com a Tiva ficando na terceira colocação, vendo Gama e Botafogo subirem.

Porém, mesmo sem o acesso à Série A, o ano de 1998 entrou na história grená. Hoje em dia, aquela campanha ainda é comentada nas arquibancadas do Araripe. Da camisa marcante, com listras horizontais em grená e branco, aos grandes jogos e craques, como o atacante Índio, tudo de 98 ainda é lembrado como se fosse ontem (Figura 5).

⁸ Após a primeira fase, a Tiva disputou um mata-mata contra a Tuna Luso (PA). A equipe paraense foi derrotada em três jogos. Na próxima etapa, dois grupos de quatro clubes foram formados. A Desportiva ficou ao lado de XV de Piracicaba (SP), Criciúma (SC) e Botafogo de Ribeirão Preto (SP). Os dois melhores deste grupo, Desportiva e Botafogo passaram, enfim, para o quadrangular final. Junto dos dois, Gama (DF) e Londrina (PR) disputaram duas vagas de acesso à primeira divisão.

Figura 5.Time da Desportiva em 1998.

Fonte: (MARQUES, 2009)

Neste momento, retomo um relato em primeira pessoa devido ao ano de 1998 ser tão marcante para tantos torcedores. Naquele ano, com oito anos de idade, debutei no Engenheiro Araripe. Ainda criança tive a experiência de poder ver o estádio lotado e a Tiva disputando algo muito sério. As memórias do trânsito caótico da curva do Saldanha até Jardim América, do ‘buzinaço’ na Segunda Ponte e do estádio abarrotado de gente vêm a minha mente e a de muitos torcedores como uma espécie de último suspiro da Desportiva. Ali, o clube, representando o futebol do Espírito Santo, parecia ter atingido o apogeu de sua história. Dali em diante, poucos foram os jogos com estádio lotado. Dos maiores públicos da Desportiva, todos foram daquele período para trás. Os maiores mesmo foram entre as décadas de 1970 e 1980, conforme dados descritos na Tabela 1.

Tabela 1. Maiores públicos da Desportiva Ferroviária

Partida	Público	Data	Local	Competição
---------	---------	------	-------	------------

1	Desportiva 0 x 2 Atlético (MG)	27.232 pessoas	17/01/1982	Engenheiro Araripe	Campeonato Brasileiro
2	Desportiva 0 x 0 Rio Branco	27.010 pessoas	08/12/1985	Engenheiro Araripe	Campeonato Capixaba
3	Desportiva 1 x 0 Flamengo (RJ)	24.363 pessoas	17/10/1973	Engenheiro Araripe	Campeonato Brasileiro
4	Desportiva 0 x 2 Flamengo (RJ)	23.642 pessoas	20/10/1977	Engenheiro Araripe	Campeonato Brasileiro
5	Desportiva 0 x 5 Fluminense (RJ)	23.120 pessoas	16/10/1977	Engenheiro Araripe	Campeonato Brasileiro
6	Desportiva 0 x 0 Flamengo (RJ)	21.558 pessoas	31/08/1975	Engenheiro Araripe	Campeonato Brasileiro
7	Desportiva 1 x 4 Atlético (MG)	21.352 pessoas	05/03/1980	Engenheiro Araripe	Campeonato Brasileiro

A torcida pulsava dentro do estádio. Até 1999, quando a história da Desportiva, e por consequência do futebol capixaba, sofreu uma reviravolta.

3.5. Mudança drástica e determinante

Em 1999, um acordo empresarial fez a Desportiva Ferroviária mudar de nome, de gestão e também de vida. Começa aí, um dos fatores que pode nos fazer entender o motivo da falta de torcedores por aqui, em especial o caso da Desportiva: a má administração dos clubes.

Em maio de 1999, a Desportiva Ferroviária assinou um contrato com um grupo privado, o Grupo Villa-Forte & Oliveira Empreendimentos e Participações S.A. A partir de então, foi iniciada uma nova era na história do clube. Foi criado um clube empresa chamado Desportiva

Capixaba S.A., cuja participação acionária foi estabelecida em 51% para o Grupo Villa-Forte e 49% para o tradicional clube de Jardim América. Por meio do acordo, a Desportiva Ferroviária negociou a maior e melhor parte de seu patrimônio, incluindo seu estádio e sua sede social, e perdeu a autonomia sobre o futebol. (MARQUES, 2009, p. 233)

Em suma, numa tentativa de melhorar as receitas e desenvolver seu futebol, a Desportiva caiu num acordo que tirava de si própria a gestão do seu futebol. O grande número de dívidas e a necessidade de ter um clube gerido no modelo empresa fez a direção da época tomar tal decisão.

Entretanto, o que se sucedeu foi uma série de fracassos. Da Série B do Brasileiro, a Desportiva caiu para a C e, posteriormente, para nenhuma divisão nacional. Do título da Série A do Estadual, a Desportiva foi parar na Série B e, posteriormente, também em nenhuma divisão estadual. O campo do Engenheiro Araripe chegou a ser dividido em vários campos de futebol society para serem alugados, durante a metade da década de 2000.

O desinteresse da nova gestão, capitaneada por Marcelo Villa-Forte, fez alguns torcedores esquecerem a Desportiva. O aposentado LF é torcedor 'rôxo' da Desportiva e comparece a todos os jogos. Mas, na época da Capixaba S.A. não era bem assim. "Que fique claro que no período de doze anos como Desportiva Capixaba, eu parei de torcer e parei de acompanhar o futebol", disse LF, torcedor da Desportiva Ferroviária, em entrevista ao autor.

O exemplo de LF era visto nas arquibancadas cada vez mais vazias do Araripe. Jogos com 100 a 200 pagantes e o sumiço das grandes torcidas organizadas foram marcantes. O fracasso da Desportiva Capixaba, por conseqüência, foi fracasso do futebol do Espírito Santo, que entrou em declínio na última década.

Somente doze anos depois, em 2011, as coisas começaram a melhorar para os torcedores grenás. Conseguindo reaver a posse sobre o Engenheiro Araripe e sobre a gestão do futebol, a Desportiva voltou aos gramados com o seu nome e escudo tradicionais. A Ferroviária estava de volta na Copa Espírito Santo de 2011, quando conquistou o vice-campeonato.

3.6. De volta à glória

Para voltar à primeira divisão do futebol capixaba, a Desportiva precisou, em 2012, disputar a segunda divisão estadual em busca do acesso à primeira divisão capixaba. O objetivo foi alcançado com a chegada do clube à grande final daquela competição. O adversário foi o Estrela do Norte, de Cachoeiro de Itapemirim. No primeiro jogo, em Jardim América, vitória grená por 2 a 1, que dava a vantagem do empate para a Tiva no segundo encontro⁹, ocorrido no Estádio Sumaré, em Cachoeiro, no Sul do Espírito Santo.

A partida teve contornos para lá de dramáticos e merece estar no hall de jogos históricos da Desportiva e do futebol capixaba. Numa atmosfera hostil com quase cinco mil torcedores estrelenses apoiando a equipe cachoeirense para frente, era quase inimaginável que a Desportiva conquistasse aquela taça.

Ainda mais que logo nos primeiros minutos, o Estrela saiu na frente no marcador. A vitória por qualquer resultado dava aos cachoeirenses o título devido a melhor campanha na fase de classificação.

O jogo foi se desenrolando de maneira morna para a Desportiva que não conseguia buscar o empate. Até que um cruzamento despretenso achou o atacante Hércules na pequena área. O camisa 9 e artilheiro da competição só empurrou para a rede. Tudo igual: 1 a 1. Até aí tudo bem, um gol comum e um empate. O detalhe é que o tento foi marcado aos 47 minutos da segunda etapa, enquanto a torcida estrelense já soltava os gritos de 'É campeão'.

O gol decisivo seguido do apito do árbitro selou o primeiro título da Ferroviária desde a sua volta. A guerra havia sido vencida em campo e o troféu viria para Cariacica, o primeiro da Ferroviária desde 1996.

⁹ A final entre Estrela e Desportiva foi disputada no dia 21 de julho de 2012. O time campeão da Tiva teve a seguinte escalação: Felipe, Anderson Sorriso, David, Tony e Tatá; Carlos Alberto (Cacá), Vitor Bubu, Flávio Santos, Carlos Vitor e Léo Oliveira (Feijão); Hércules (Pablo). O técnico era Mauro Soares. O público presente no Sumaré foi de 4.850 pessoas.

Figura 6. Time da Desportiva campeão da Série B de 2012 com a torcida grená ao fundo.



Fonte: ("Facebook: Desportiva Ferroviária", [s.d.])

O reencontro com a glória não parou por aí. No mesmo ano de 2012, a Desportiva conquistou a Copa Espírito Santo. O título veio em cima do maior rival, com duas vitórias nas partidas finais contra o Rio Branco. Em 2013, o terceiro título consecutivo: a Desportiva deu fim a uma espera de 13 anos do seu torcedor voltando a conquistar o Campeonato Capixaba.

A taça foi conquistada em uma memorável batalha de dois jogos contra o Aracruz. No primeiro jogo, empate por 1 a 1 no Engenheiro Araripe, com gol de Hélder, cobrando falta com perfeição, para os grenás.

O segundo encontro foi realizado no Estádio do Bambu, na cidade do Norte do estado, onde estive presente. Dois ônibus da Torcida Grenamor e mais uma porção de torcedores que foram de carro à Aracruz, além das demais torcidas organizadas, formaram a grande caravana do título grená. No estádio, 10% dos 5 mil lugares estavam destinados à torcida da Desportiva. Eram 4.500 aracruzenses e 500 grenás colocados no pequeno setor destinado aos visitantes.

Figura 7. Torcida em frente ao Estádio Bambu, em Aracruz, para a grande final.



Fonte: ("Facebook: Desportiva Ferroviária", [s.d.])

Chuva de garrafas e até chinelos vieram para o lado grená. Nada que intimidasse a torcida grená. Jogo em 1 a 1 até os 43 minutos do segundo tempo. O empate dava o título ao Aracruz. Eu já não tinha mais unhas para roer e o nervosismo era imensurável. Tentava olhar ao meu redor a reação dos demais torcedores. Alguns já choravam, outros tentavam cantar timidamente, alguns sentados inconsoláveis e outros muitos cantando e pulando na esperança do milagre acontecer.

E ele aconteceu. Saiu do pé esquerdo do mais improvável jogador da Desportiva. O lateral direito Anderson Sorriso foi contestado durante toda a competição devido a série de falhas que cometeu. Aos 43 do segundo tempo ele recebeu na intermediária, ajeitou e chutou dali mesmo. E de canhota, que não é a sua perna boa. Acertou o ângulo. Gol da Desportiva!

A explosão da torcida e o êxtase coletivo vivido naquele momento é indescritível. Sorriso substituiu as lágrimas. Choro? Agora só de emoção. A Desportiva era campeã capixaba de 2013.

Figura 8. Festa da torcida grená no Estádio Bambu



Fonte: (GLOBOESPORTE.COM, [s.d.])

A sensação de ver toda a torcida adversária ir embora calada aumenta ainda mais a comemoração. Isso porque o jogo era na casa deles. Na volta, festa e recepção para os jogadores no Engenheiro Araripe.

Figura 9. Jogadores levantam a taça do Capixabão 2013.



Fonte: (GLOBOESPORTE.COM, [s.d.])

O título coroava uma nova fase da Desportiva, que voltava ao protagonismo do futebol capixaba.

3.7. Últimos anos

Assim como ressaltai que estive presente na conquista de 2013, nos anos seguintes também prossigo com os relatos com base em minha memória e acompanhamento dos jogos. Depois da glória de 2013, a Desportiva voltou a conquistar o Campeonato Capixaba em 2016, último título da agremiação de Cariacica. O título veio após duas vitórias por 1 a 0 nas finais contra o Espírito Santo Futebol Clube. O campeonato também foi marcado por uma goleada da Desportiva contra o maior rival, o Rio Branco, por 4 a 1. Elevando a moral daquele time e revigorando o ânimo dos torcedores até a reta final daquele campeonato.

Figura 10. Festa da Torcida Grenamor na final do Capixabão de 2016.



Fonte: ("Facebook: Desportiva Ferroviária", [s.d.])

A conquista daquele ano foi importante por ter recolocado o clube na disputa de uma divisão do Campeonato Brasileiro. Com o título de 2016, a Desportiva ganhou vaga na Série D do Brasileirão daquele ano e também de 2017. Relatos sobre estas campanhas em competições nacionais, com meus depoimentos pessoais, serão feitos no próximo capítulo.

Após a apresentação histórica do clube, que viveu momentos de glória e de sofrimento em sua história, é chegado o momento de entender, portanto, a relação de paixão e pertencimento adotada pelos torcedores.

4. O PERTENCIMENTO À DESPORTIVA FERROVIÁRIA

Após a apresentação dos fatos mais marcantes que compõem a rica história da Desportiva Ferroviária, é possível conhecer o clube que é objeto da paixão dos torcedores estudados neste trabalho. Conhecer a história esportiva de um clube dá uma dimensão do que ele representa dentro do cenário ao qual está inserido. São 18 títulos estaduais, sendo o segundo maior detentor de conquistas no Espírito Santo, mas o maior campeão no período de 56 anos em que existe.

Definido por Baumeister e Leary (1995 *apud* THEODORAKIS; WANN, 2012) como uma “necessidade de formar e manter relações interpessoais fortes e estáveis”, a necessidade de pertencer é vista como uma motivação fundamental para os seres humanos.

Estudos anteriores realizados sobre a origem da identificação com um time mostram uma variedade de razões para o interesse original em uma equipe, incluindo o interesse dos pais em um time, o talento dos jogadores da equipe, a geografia e a influência dos amigos e o sucesso da equipe. Outras investigações encontram razões semelhantes para se identificar com uma equipe em particular, sugerindo que em alguns casos a localização geográfica era a razão predominante dada por ser um fã de uma equipe. Alguns autores descobriram ainda que o sucesso de uma equipe era o principal motivo para a identificação da equipe (HUGENBERG; HARIDAKIS; EARNHEARDT, 2008).

As conquistas dentro de campo, sem dúvidas, auxiliam a ocasionar e potencializar o sentimento de torcedor por um clube. No entanto, o que compõe o ato de torcer para um clube transcende o esporte jogado dentro das quatro linhas de um campo de futebol. Como já apresentado nas bases metodológicas desta pesquisa, alguns autores se debruçaram com profundidade sobre o que representa torcer em diversos contextos de diferentes regiões do Brasil. Entre eles, destaque Damo (1998 e 2014), que pesquisou o comportamento dos torcedores do Grêmio Football Club Porto Alegre, e Silva (2011) que analisou as motivações que levam os moradores de Governador Valadares, em Minas Gerais, a torcerem pelo Democrata, time local.

Em especial na obra de Damo (1998) há o surgimento do conceito de pertencimento clubístico. A aplicação deste conceito é, inclusive, feita no trabalho

de Silva (2011). É de indispensável necessidade compreender que há uma diferenciação nos atos de “torcer” e “pertencer”. O segundo extrapola o significado do primeiro, servindo para representar aqueles que vão além das atitudes normais e vinculadas a torcedores, como vibrar, comemorar e sofrer pelos resultados obtidos.

Damo (2014) especifica que este pertencimento não é composto apenas pela frequência das pessoas ao estádio ou por participar de algum grupo de torcida organizada. Pertencer representa “um segmento militante”, é estar “emocionalmente engajado a ponto de estender as emoções vividas no espaço-tempo do jogo para além dele” (DAMO, 2014. p. 52).

Este pertencimento, inclusive, foi conceituado para representar um ato contínuo, duradouro e exclusivo, que é a relação apaixonada entre torcedores e seus clubes. A sua significação se aproxima do que representa o conceito de “Identidade”. O autor destaca que “Identidade” também é um conceito interessante para ser aplicado nas relações passionais futebolísticas, mas que o pertencimento é “capaz de expressar um vínculo sentimental profundo, embora por vezes tido como inexplicável, entre um indivíduo e uma dada coletividade, tendo como mediador o clube”. (DAMO, 2014, p.52).

O termo “identidade” pode ser utilizado para denominar um conjunto de características compactuadas por coletivos de diferentes grupos e localidades. Castells (1999) entende “identidade” como um processo de construção de significados com base em atributos culturais, sendo a identidade a fonte de significado e experiência de um povo pertencente a qualquer território.

A identidade, para o autor, é a fonte de significado e de experiência de um povo. Também para Castells (1999), “o território é um signo cujo significado é compreensível a partir dos códigos culturais nos quais se inscreve”. Com isso, é possível compreender como um território toda a manifestação popular e cultural de um povo.

Esta proposição de identidade pensada por Castells compõe a dimensão cultural de território proposta por Haesbaert (2006), que considera que a cultura, tradição e costumes de um povo são elementos de uma territorialidade. Este

território cultural seria algo abstrato, não palpável, mas facilmente perceptível pelos agrupamentos, como a composição de torcidas de times de futebol.

Sendo o futebol uma manifestação cultural e popular no Brasil, é possível observá-lo como palco de formação e propagação de identidades, ou como classificou Damo (1998), de pertencimentos clubísticos. Este pertencimento, assim como a identidade, é formado por diversas características comungadas coletivamente. O amor pelo clube, os laços de afeto criados nas arquibancadas e o engajamento duradouro são fatores compartilhados por estes sujeitos pertencentes aos seus times do coração.

4.1. Elementos do vínculo a um clube

Para analisar como se portam os torcedores da Desportiva Ferroviária com relação ao pertencimento clubístico, é importante destacar fatores presentes nas pesquisas realizadas pelos dois autores destacados no início deste capítulo: Damo (1998) e Silva (2011).

Damo (1998) levantou que, além da composição dos sentimentos positivos e passionais com relação aos clubes, muito do que determina as características dos agrupamentos de torcedores é o sentimento de oposição a um clube rival. Em seu trabalho, o autor pesquisou os torcedores do Grêmio e, em suas entrevistas, percebia a forte objeção dos gremistas com relação ao Sport Club Internacional, time arquirrival.

A rivalidade é de extrema importância para o fortalecimento da cultura do futebol. Nos chamados “clássicos” há um apelo maior de público e querer vencer de seu rival ainda é algo que serve de motivador para centros onde o futebol não tem tanta força. Vencer um clássico é como se fosse um campeonato à parte em diversos casos, trazendo a alegria necessária ao torcedor para ele continuar nutrindo o seu amor incondicional.

No caso da Desportiva Ferroviária, isto é exemplificado com a rivalidade com o Rio Branco Atlético Clube. Dentro do contexto de pertença do grupo de torcedores grenás, o sentimento anti-rio branquense é algo comungado por todos. Tão forte é este elemento que nem mesmo o nome do clube rival é citado nas

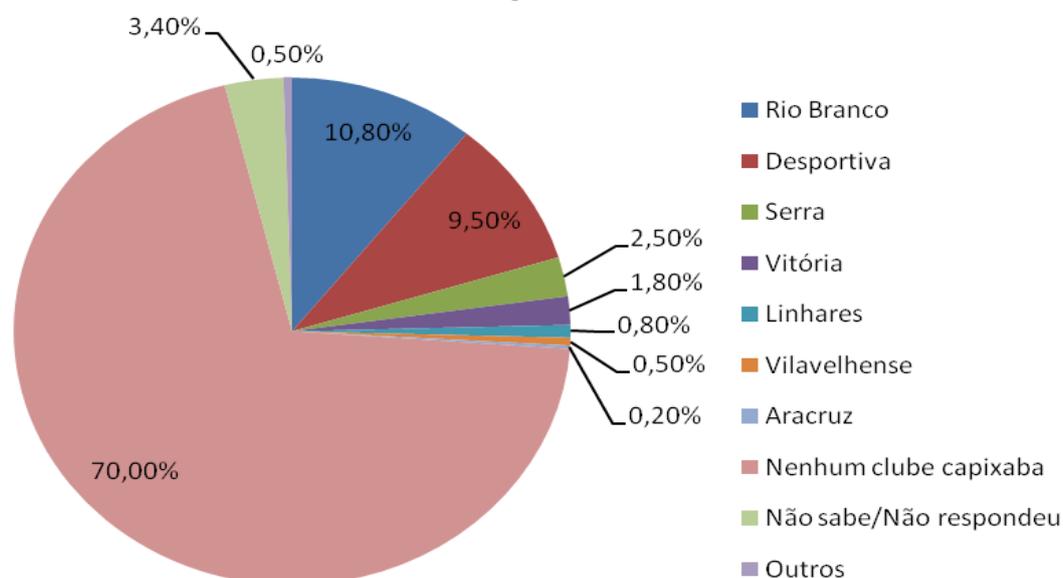
rodas de conversas. O termo utilizado para se dirigir ao rival é “Asilo”, uma provocação ao fato de que boa parte das conquistas do Rio Branco terem ocorrido no período anterior à 1963, ano de fundação da Desportiva, fazendo com que o clube tenha uma parcela considerável de torcedores idosos. Além disso, o clássico entre as duas equipes é o que atrai mais torcedores aos jogos nas últimas edições de campeonatos estaduais.

Além deste elemento de medição de forças entre times rivais, outro fator determinante para o vínculo de um torcedor a um clube é a relação com a sua cidade. Tal elemento ficou latente nos estudos de Silva (2011), onde os torcedores do Democrata-MG, exaltam os laços com a cidade mineira de Governador Valadares como crucial para a torcida pelo clube. Até mesmo um comportamento ambíguo de moradores da cidade que torcem para clubes de outros municípios ou estados, mas têm o Democrata como um segundo time apenas por ser da cidade também é percebido.

Tal comportamento é comumente observado no Espírito Santo. A última pesquisa de opinião realizada no estado consultando a população capixaba sobre o futebol local, mostra que a esmagadora maioria opta por clubes de outros estados. Pesquisa realizada entre os dias 24 e 25 de abril de 2013 (Figura 11) revela que 70% da população do Espírito Santo não torce para nenhum time capixaba, sendo que 75% dos entrevistados disseram torcer para uma agremiação de outro estado, em especial o Rio de Janeiro (INSTITUTO FUTURA, 2013).

Entre os que dizem torcer por clubes capixabas, há empate técnico entre grenás e riobranquenses. Com 10,8%, o Rio Branco aparece na frente, contra 9,5% da Desportiva. Com índices menores, Serra, Vitória, Vilavelhense, Linhares e Aracruz também foram citados.

Figura 11. Resultado de pesquisa sobre times torcidos pelos capixabas.



Fonte: Elaborado com dados de (INSTITUTO FUTURA, 2013).

Com relação ao pertencimento clubístico baseado na relação com a cidade, como observado por Silva (2011) no trabalho feito com os torcedores do Democrata-MG, os números da pesquisa da Futura mostram que quem torce para um time capixaba é minoria em seu próprio estado. Tal característica é apontada pelos torcedores entrevistados neste presente trabalho como um dos combustíveis para fazê-los se sentirem mais identificados com o estado pelo simples fato de torcerem por um time capixaba, na contramão do restante da população. Tal relação será analisada melhor no próximo capítulo, inclusive com o desenvolvimento do sentimento de resistência por estes torcedores.

4.2. Resultados

4.2.1. Os motivos para torcer pela Desportiva Ferroviária

Com base nos conceitos de pertencimento clubístico, a experiência de observador participante e as entrevistas realizadas com os torcedores selecionados mostram que a comunidade grená não apenas torce como pertence ao clube. Perguntados sobre as razões pelas quais optaram pela Desportiva Ferroviária, muitos fatores são apresentados: influência familiar, simpatia pelas

cores do clube, laços de amizade e as boas campanhas do time na década de 1990. Em comum entre os entrevistados está o compartilhamento de histórias que reforçam os laços com o clube.

Aos 42 anos de idade, AA é um dos torcedores mais simbólicos da Desportiva. Por anos, foi o presidente da Torcida Organizada Grenamor e um líder nas arquibancadas. Perguntado sobre os motivos que o levaram a ser torcedor do time de Jardim América ele citou uma vitória do time no Campeonato Brasileiro de 1992 contra o Remo-PA por 4 a 3, em Belém. A repercussão nacional deste triunfo despertou os olhares de AA, que disse que depois daquilo “foi pela primeira vez ao Araripe e não parou mais”.

O exemplo deste torcedor é uma mostra de como os bons resultados podem ser apenas uma forma de iniciar paixões, que depois se mantêm mesmo na ausência de conquistas. A vitória contra o Remo em 1992 fez AA ser grená. Nestes 27 anos, ele já comungou de diversos momentos de alegria, muitos outros de tristeza, mas nunca deixou de extrapolar seu sentimento de torcedor, pertencendo ao clube.

Em entrevista prévia ao autor, AA também exemplificou a sua paixão, a qual ele chama de “loucura grená” com uma história espetacular que ele viveu na juventude. “Em 1994, tinha 17 anos e fui sozinho de trem para Governador Valadares (MG) para assistir à Democrata x Desportiva pela Série B do Campeonato Brasileiro. Peguei o trem às 6h da manhã e cheguei à cidade mineira em torno de meio-dia. Lembro que levei uns R\$ 20 e cinco pães com mortadela. Chegando lá, fiquei esperando o time chegar ao estádio. Eu era o único torcedor da Desportiva no estádio. O então goleiro da época, Dirley, me perguntou ‘Você veio sozinho?’. Disse que sim e ele falou ‘Você é louco’. Prontamente respondi ‘Louco pela Tiva’. Empatamos o jogo em 0x0”, contou AA.

Doar seu tempo, dinheiro e suas forças pelo simples fato de acompanhar seu time de futebol são ações que mostram como alguns torcedores extrapolar o que engloba o ato de torcer. Para aquele jovem AA, a viagem não servia apenas para acompanhar o clube, mas para tentar passar uma força, se mostrar presente e tentar influenciar no desempenho da equipe. Depois do jogo, ainda tinha mais história para contar.

“Sem dinheiro para a volta pedi ao supervisor de futebol da época, Luiz Orlando, uma carona no ônibus da Desportiva. Consegui a carona e chegamos em Cariacica na madrugada de segunda-feira, lá pelas 4h da manhã. Esperei amanhecer na Estação Pedro Nolasco e fui andando pela Cinco Pontes para a escola que fica ao lado do Sambão do Povo. Eu tinha aula e naquele dia tinha prova de matemática. Foi inesquecível”, recorda, orgulhoso.

Durante minha observação do comportamento dos torcedores e também exercendo o meu torcer (ou pertencer?) à Desportiva Ferroviária, destaco alguns relatos de experiências marcantes dos últimos anos que mostram como algumas situações moldam estes torcedores. Em 2017, pela Série D do Campeonato Brasileiro, o clube grená estreou na competição contra uma tradicional equipe paulista, a Associação Portuguesa de Desportos. O jogo foi realizado no Estádio do Canindé, tradicional praça esportiva do futebol brasileiro. A distância entre Cariacica e a capital paulista é consideravelmente longa. Mesmo assim, 45 torcedores da Desportiva embarcaram em uma excursão de ônibus para a partida. Foram 14 horas para ir e mais 14 horas para voltar.

Figura 12. Torcedores da Desportiva em frente ao Masp, na Avenida Paulista, antes do jogo contra a Portuguesa



Foto: ("Facebook: Grenamor", [s.d.]).

Além destes, cerca de outros 20 torcedores foram de avião para o confronto. Chegando ao estádio, os torcedores da Lusa ficaram impressionados com a presença considerável de apoiadores de um time que, para eles, não tinha qualquer expressão no futebol nacional. O número de grenás naquele dia poderia ser pouco para o tamanho do estádio, mas foi gigante para o clube e para o Espírito Santo.

Para ampliar o tamanho do feito, São Paulo recebeu uma tempestade naquele dia. O setor destinado à torcida da Desportiva não tinha cobertura e todos tiveram que enfrentar uma chuva torrencial. A derrota por 1 a 0 não desanimou. Todos estavam orgulhosos de estarem ali e tinham certeza que guardariam na memória para sempre aquele momento. Histórias que serão passadas por gerações. Como explicou Damo (1998), o engajamento de quem pertence ao clube está acima do ato de apenas frequentar os jogos, é algo que transcende o "torcer" e se compõe de dias como este de 2017.

Quem estava neste dia e em vários outros da história recente foi DK, 34 anos. O sentimento dele também começou a ser nutrido pelas boas campanhas em âmbito nacional da década de 1990.

É um sentimento um tanto quanto inexplicável, ao ver a camisa e cores. Lembro que tinha 10 anos e pedi pro meu pai que comprasse uma camisa da Desportiva, que na época disputava campeonatos brasileiros frequentemente.

Outro entrevistado, YL, de 36 anos, também considera elementos familiares e as boas participações do clube em campeonatos estaduais e nacionais como um fator preponderante para a escolha pela Desportiva.

Torço por ser apaixonado por futebol e esportes desde criança, no caso específico da Desportiva por influência de um primo mais velho, e principalmente pela exposição e relevância que a Desportiva tinha na década de 1990.

O torcedor JF, de 30 anos, elenca motivos semelhantes como cruciais para ter se tornado grená.

Desde pequeno me identifico. Fui ao meu primeiro jogo em uma copa do Brasil, jogo contra o Santos, em 1997, ali já senti algo diferente. Minha primeira lembrança como torcedor mesmo, é a série B de 98. Com 10 anos de idade, ficava ouvindo os jogos pela radio e fui ao jogo com o Gama no Quadrangular final (convenci meu pai a me levar. Ele é torcedor do rival). A partir dali tive certeza que era Grená.

Outros como o torcedor VM, de 41 anos, relatam que o sentimento surgiu naturalmente, sem menos perceber.

A decisão por torcer para a Desportiva se deu devido a uma empatia direta a tudo que envolve o time. Algo realmente sem respostas que surgiu naturalmente. A mídia que o time tinha na década de 90 propiciou com que isso ocorresse.

Boa parte dos entrevistados cita a década de 1990 como um grande motivador para o início da torcida pela Desportiva, o que corrobora com o que foi apresentado no capítulo anterior sobre a história do clube. O que se sucede após esta década, com a transformação do clube em uma sociedade que modificou o nome e o escudo, gera um hiato no surgimento e perda de novos torcedores durante os anos 2000. Apenas com o retorno da Desportiva como Ferroviária, em 2011, há um retorno de jovens torcedores ao seio grená.

Representante da “velha guarda”, o grená CB, de 78 anos, torce para a Desportiva desde a fundação do clube. Curiosamente, “Seu Carlinhos” como é conhecido é mais velho que a própria Desportiva. Pela proximidade com o estádio, acompanhou sua construção e desde então torce pela Tiva.

Torço desde a fundação, em 1963. Lembro da construção do estádio, aquela área era um “barrão”. Vi grandes partidas, vários jogadores bons, comecei a acompanhar do início até hoje. Falta organização ao nosso futebol, mas eu não ligo. Desportiva é alegria, amor, me traz coisas boas. Por isso, torço. Por toda sua história e por tudo que vivi junto da Desportiva (CB).

Além das motivações que levam o indivíduo a adotar um clube como sua paixão, é importante perceber como eles se portam e se identificam como torcedores para que o pertencimento seja, de fato, uma marca compartilhada por

estas pessoas. Segundo Silva (2011), o pertencimento clubístico é também caracterizado pela gratuidade nas emoções, paixões e excitações.

Para Damo (2012), o pertencimento clubístico não é algo que se coloca entre as primeiras necessidades de um ser humano. Não consta nas necessidades biológicas de alguém, mas devido à popularização do ato de torcer por um clube de futebol, denota-se um certo ônus em não participar desta massa que adere a um time.

O pertencimento clubístico é uma espécie de máscara e implica uma transição de uma personagem a outra. Particularmente, implica a identificação de um indivíduo a dada coletividade e, portanto, uma transubstancialização de indivíduo a persona. (...) É preferível ser de alguém a não ser de ninguém, ao menos em se tratando de futebol. Não torcer por algum clube – o que seria o equivalente a não pertencer a ninguém – é ser um simples indivíduo, pois o pertencimento, pelo fato de integrar o sujeito a uma dada comunidade de sentimento, pessoaliza-o. (Damo, 2012, p. 60)

Com base no conceito de pertencimento clubístico, o torcedor deixa de ser um indivíduo solo e passa a integrar uma coletividade que transcende o ato isolado e individualizado de torcer. Damo (2012) também acrescenta que o início deste pertencimento origina-se, em grande parte, da família. Para ele, “a transição do de indivíduo a pessoa, no caso do clubismo futebolístico, é algo que compete, primeiramente, à família”. A justificativa é a de que a família é um primeiro indexador de sistemas de pertença emocionais tão significativos como os laços afetivos e relações parentais. Em suas observações em Porto Alegre, Damo levantou que em praticamente 70% dos entrevistados, a escolha pelo clube foi feita por influência dentro do âmbito familiar.

Entre os dez torcedores da Desportiva Ferroviária entrevistados neste estudo, seis (60%) colocaram a relação com algum familiar entre as razões para terem optado pelo clube. Como os laços familiares são consanguíneos e inquebrantáveis, o fato de muitos torcedores buscarem na família o time para torcer denota, inicialmente, que este laço com o clube será, assim como o familiar, intransponível e eterno.

Outra característica forte do pertencimento ao clube de coração é ter o sentimento exemplificado em atitudes que extrapolam o campo. Devido às dificuldades financeiras enfrentadas dentro do cenário do futebol capixaba, a Desportiva Ferroviária nos últimos anos contou com auxílio providencial de sua comunidade de pertença para superar alguns obstáculos.

Oito dos dez torcedores entrevistados relataram já ter feito algum tipo de aporte financeiro para ajudar em alguma situação específica dentro do clube. Seja por meio de levantamento coletivo de recursos, a popular “vaquinha” ou doações diretas. Entre as “vaquinhas” realizadas estão medidas que vão do pagamento de algumas dívidas a reformas estruturais no Estádio Engenheiro Araripe. No presente ano de 2019, um movimento de torcedores levantou recursos, por meio de “vaquinha” para a reforma do placar eletrônico do estádio e para a pintura de vestiários e arquibancadas.

Indo além, três entrevistados relataram já terem feito doações de recursos próprios e até mesmo compra de cestas básicas para a alimentação de atletas que moram no alojamento da Desportiva. Um dos entrevistados já pagou do próprio bolso passagens de avião para a chegada de jogadores contratados.

Tais medidas exemplificam a importância que um torcedor tem para um clube no Espírito Santo, indo muito adiante do fato de prestar apoio na arquibancada. Estes atos também reforçam a ideia de coletividade que o sentimento de pertencimento clubístico traz.

4.2.2. O que é ser “grená”?

Diante de histórias que mostram tamanho engajamento vindo das arquibancadas do Estádio Engenheiro Araripe, é possível perceber o intenso grau de pertencimento dos grenás com a Desportiva. Isto é possível notar pelos depoimentos dos torcedores que classificam o que é ser grená. Alguns destacam ser uma forma de resistência tendo em vista a posição do clube no cenário global do futebol.

É um orgulho, uma forma de resistência perante a elitização do futebol brasileiro, onde os clubes ditos menores cada vez mais são desvalorizados (DK)

Outros, tendo em vista o envolvimento e a participação do torcedor dentro do contexto do clube, já entendem o “ser grená” como algo que ultrapassa o ato de torcer e é considerado até mesmo um desafio.

Ser Grená significa uma realização por ter uma referência esportiva dentro do estado, além de ser um grande desafio frente a tudo aquilo que o clube precisa se desenvolver com a nossa ajuda atuante. (VM)

As dificuldades e a participação no cotidiano do clube também são fatos que revelam os laços de pertencimento.

É um sentimento meio sem explicação. Passamos por muitas dificuldades, vivemos o dia a dia do clube, e acredito que isso faça com que esse sentimento aumente. (JF)

Os laços que transcendem o campo seguem sendo citados como primordiais na definição do que é “ser grená”.

Praticando ou acompanhando, minha história de vida foi dentro do esporte. Ser grená para mim significa toda história, momentos e sentimentos que vivenciei desde 1992 quando fui pela primeira vez ao Engenheiro Araripe. Todas amizades que eu fiz por conta da Desportiva também têm um significado grandioso. O atual momento do clube e do futebol capixaba gera muitas desconfianças e desânimos, mas carrego o sentimento grená esperando e torcendo por dias melhores com um clube que nos dê orgulho novamente (YL).

A fala de YL mostra também a necessidade que o pertencimento grená cria de buscar mudanças e melhorias para o clube, exemplificando, mais uma vez, que o comportamento não fica restrito aos feitos da arquibancada. A jovem torcedora TN, de 22 anos, classifica o “ser grená” como uma junção de sentimentos que habitualmente são utilizados para se referir ao que sente um

torcedor com relação ao seu clube. No entanto, destaca uma característica não tão presente em todas as torcidas.

É intensidade, paixão, entrega. Um misto de sentimentos bons. É apoiar na vitória, mas principalmente na derrota. (...) É uma sensação única (TN).

O que chama a atenção na resposta da torcedora é o fator “entrega”. Segundo Silva (2011), o pertencimento clubístico é algo orgânico e que passeia pelas trajetórias e tradições que unem a pessoa ao clube. É algo natural e parte da vida deste ser, que, portanto, causa naturalmente esta relação de entrega.

É notório perceber nas conversas com os grenás de que o desempenho dentro de campo atualmente não condiciona a manutenção do ato de torcer pelo clube. Isso é suportado por Giovannetti et al. (2006) que avaliam que, em geral, a fidelidade a clubes no Brasil não está associada ao desempenho em campo. Pelo contrário, os torcedores entrevistados é que se veem em posição de ajudaram o clube a se manter firme.

Em julho de 2017, durante a campanha do Campeonato Brasileiro da Série D, a Desportiva Ferroviária enfrentou o Villa Nova, de Minas Gerais, pela penúltima rodada da fase de grupos. O confronto encaminharia a classificação dos grenás à próxima fase da competição. Uma derrota faria o clube depender de uma série de resultados na última rodada para buscar a vaga.

Um ônibus com mais de 40 pessoas deixou o Estádio Engenheiro Araripe na noite anterior à partida, que aconteceu em uma tarde de domingo na cidade de Nova Lima, na região metropolitana de Belo Horizonte. Chegando à cidade, os grenás chamaram bastante atenção pelo seu grupo numeroso para uma partida da Série D fora de casa. Todos que fizeram aquela viagem de ônibus tinham as marcas do cansaço no corpo, mas sem deixar o sorriso no rosto, já que o sentimento de dever cumprido e de estar ali enchia todos de orgulho.

Figura 13. Torcedores da Desportiva no caminho para a partida contra o Villa Nova, em Minas Gerais



Foto: ("Facebook: Grenamor", [s.d.]).

Na espera para entrar no estádio, faltando cerca de duas horas para o início do jogo, uma motocicleta passa em frente à bilheteria da torcida visitante e estaciona próxima ao local. Dela, saem um homem e uma mulher com camisas da Desportiva. Olhares de espanto de todos os lados naquele momento e as perguntas imediatas dirigidas ao casal: “De onde vocês vieram? São daqui de Minas Gerais ou vieram mesmo do Espírito Santo?”.

Havia uma hipótese inicial de serem capixabas e torcedores da Desportiva que moram na região metropolitana de Belo Horizonte. São vários nascidos no Espírito Santo que se mudam para Minas Gerais e vice-e-versa, portanto, seria a possibilidade mais óbvia naquele momento, tamanho era o inusitado daquela cena. A resposta do motociclista, no entanto, foi daquelas de mexer com todos: Viemos de Vitória.

O casal saiu de Maruípe, na capital capixaba, durante a madrugada, em uma moto simples e subiram a região serrana pela BR-262, até Minas Gerais, em um trajeto de mais de 10 horas. Todo esse percurso em cima de uma motocicleta só para ver a Desportiva jogar. Aliás, participar do jogo da

Desportiva. Pertencer à Desportiva. Na arquibancada, principalmente fora de casa, o sentimento comungado pelos grenás é de muito orgulho e de entrega, como destacou a torcedora TN, que, inclusive, se fez presente neste dia. A entrega é estar ali para gritar, incentivar, mostrar que está ali ao lado do clube. E como ressaltado por Silva nos preceitos do pertencimento, é algo orgânico, é natural, não é pesado, é gratuito e genuíno em companheirismo ao clube do coração.

O resultado daquela partida contra o Villa Nova foi negativo e com as piores circunstâncias possíveis. Derrota por 2 a 1 com um gol contra cometido pela Desportiva nos acréscimos do segundo tempo. Devastação completa dos torcedores no caminho de volta. Na volta, o clima dentro do ônibus teve revolta pelo gol contra no fim, tristeza pela situação difícil na tabela, silêncio e reflexão para muitos e perplexidade para outros. Apesar disso, em meio a xingamentos e lamentações, ninguém colocou à prova o feito pelo clube, o estar ali pertencendo à Desportiva em um momento de adversidade. Pelo contrário, naquele momento já havia um engajamento para planejar a organização da torcida no próximo confronto.

Este engajamento passional dos torcedores é o que, para Damo (2012), fez o futebol ter as proporções que tem atualmente no Brasil.

Nem todos os que se declaram torcedores são do tipo “fanático”, “doente”, “maluco”, enfim, aqueles para quem o clubismo efetivamente importa. Assim sendo, existe uma plêiade de possibilidades de se fruir um espetáculo futebolístico, mas é indiscutível que ele só chegou a ser o que é graças à militância dos torcedores pelos seus clubes, razão pela qual não se pode compreender o espetáculo sem olhar para as razões daqueles que o sustentam emocional e engajadamente (DAMO, 2012, p. 69).

O autor também acrescenta que o futebol leva a excitação do compartilhamento de afetos, até mesmo em espaços públicos, como se houvesse uma carta branca para abraçar, beijar, chorar em prol do seu time de coração.

Com isso, no fim das contas, pouco importou aquela derrota sofrida em Nova Lima, Minas Gerais, pela Série D do Brasileiro, em 2017. O que se leva são os afetos compartilhados. Para Damo (2012), “tão ou mais importante do que os lances de um jogo, é a experiência de tê-los vivido que importa efetivamente aos torcedores”.

Esta definição se enquadra perfeitamente no que é vivido dentro da comunidade grená. Todos os torcedores entrevistados ressaltaram sentimentos, vivências e laços de afeto como os principais motivadores para a manutenção da torcida pelo clube, independente do que ocorre nas quatro linhas do campo.

Além do que ocorre com relação ao pertencimento clubístico, o caso da Desportiva Ferroviária tem um diferencial, que vai além do aspecto do futebol em si. Podemos, inclusive, considerar esta particularidade como uma espécie de segunda modalidade de pertencimento ao qual os torcedores grenás estão submetidos: o pertencer ao Espírito Santo. A definição de ser grená do torcedor AP é um exemplo. Ela dá o pontapé inicial às discussões da relação do torcedor que vai além do clube, mas também com sua região.

É complexo - e paradoxal - definir o real significado de ser grená. Ao mesmo tempo que tem a sensação de pertencimento enquanto capixaba valorizando o futebol e tradição local, há também o oposto: sentir-se deslocado dentro da cultura predominante aqui no ES, em que a supervalorização do futebol do eixo RJ-SP em detrimento ao nosso acaba tornando os capixabas facilmente "colonizados" pela cultura de fora do Espírito Santo. (AP)

Como reforçou o torcedor, este torcer pela Desportiva em relação ao Espírito Santo traz uma gama complexa de significados. O fato de torcer por um clube capixaba ser um elemento de fortalecimento das raízes destes torcedores com o estado de origem e como eles ocupam e formam a territorialidade que surge neste contexto serão debatidos no próximo capítulo.

5. O PERTENCIMENTO AO ESPÍRITO SANTO

Como acontece na relação com o clube, os torcedores da Desportiva Ferroviária também têm um comportamento que exalta os laços de pertencimento com o estado do Espírito Santo. A sensação que é possível ter ao ouvir os torcedores, ir aos estádios e conversar com personagens ligados ao futebol capixaba é de que além da torcida pelos clubes, existe aqui um senso de torcida pelo estado em si.

A Torcida Organizada Grenamor, por exemplo, adota a bandeira do Espírito Santo em seus uniformes e faixas. Cânticos que ressaltam e exaltam o estado também são entoados nas arquibancadas. Boa parte dos torcedores adotam essa iniciativa de valorizar as raízes capixabas a partir do acompanhamento do futebol porque se veem no papel de resistência perante uma cultura predominante de opção dos demais moradores do Estado por times de outras unidades federativas.

É importante salientar que a pesquisa fez uma análise quantitativa daquele momento. Diferente deste estudo que analisa qualitativamente as razões que levam os torcedores da Desportiva a expressarem sua paixão pelo clube e o surgimento da relação de pertencimento entre eles e o clube.

Os números ajudam a entender a média de público do Capixabão. Em 2018, foram 473 pagantes por jogo no campeonato. A Desportiva Ferroviária teve média superior, de 667 torcedores por partida (Globoesporte.com, 2018). A média inferior a mil pessoas nos jogos evidencia o desinteresse da população em geral de frequentar os estádios, como o levantamento da Futura de 2013 já indicava ser uma prática comum.

A prática de frequentar os estádios pode ser contraposta ao fato de que algumas pessoas podem optar por acompanhar as partidas por outros meios por transmissões ao vivo, seja pela tv ou pela internet. No entanto, entre os entrevistados do estudo, os torcedores da Desportiva relatam que acompanham as partidas no estádio. Devido à baixa cobertura dos veículos de imprensa do Espírito Santo com relação ao futebol capixaba, a opção de ir ao estádio é praticamente única para acompanhar um jogo de futebol dos campeonatos oficiais do estado.

Dos dez entrevistados, todos relataram que acompanham as partidas da Desportiva no Estádio Engenheiro Araripe. Todos os entrevistados também já acompanharam partidas da Tiva fora da Grande Vitória, pelo interior do estado, em jogos válidos pelo Campeonato Capixaba ou Copa Espírito Santo. Seis torcedores (60% dos entrevistados) já foram a jogos da Desportiva fora do estado em partidas da Série D do Campeonato Brasileiro, Copa Verde ou Copa do Brasil. Três torcedores (30% dos entrevistados) foram além e já acompanharam jogos da Tiva fora da região Sudeste. Neste caso, os entrevistados já se fizeram presentes em Cuiabá-MT, Natal-RN, Ponta Grossa-PR e Goianésia-GO em jogos da Desportiva nos últimos anos.

Dentro do recorte metodológico aplicado e explicado anteriormente para a realização da pesquisa qualitativa, foram selecionados cinco torcedores que participam da Torcida Organizada Grenamor e outros cinco que são considerados torcedor do “povão”, pessoas que torcem para a Desportiva, mas que não são vinculadas a alguma entidade específica, como uma torcida organizada.

Retomo o recorte realizado para reforçar que o grupo escolhido não é composto apenas por torcedores que participam de grupos organizados e que comumente viajam para acompanhar o time do coração, mas também por torcedores “comuns”, que, na extrema identificação com o clube, se doam ao ponto de viajar só para acompanhar o clube do coração. É importante salientar que nestas viagens e excursões para outros estados, o sentimento de pertencimento ligado ao Espírito Santo fica ainda mais aflorado.

Em uma destas viagens, o destino foi a cidade de Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro. Em 2016, a Desportiva Ferroviária enfrentou o time do Volta Redonda pela fase de grupos da Série D do Campeonato Brasileiro. A cidade não possui uma torcida local muito forte pelo clube conhecido como “Voltaço”, já que a proximidade com a capital fluminense facilita a torcida pelos grandes times cariocas (Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo). O Estádio Raulino Oliveira, inclusive, recebeu nos últimos anos diversas partidas destes grandes clubes, principalmente no período de fechamento do Maracanã, principal praça esportiva do Rio, para reformas visando a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Mesmo sem essa forte torcida local pelo Voltaço, a cidade de Volta Redonda tem, portanto, uma ligação muito forte com o futebol. Naquela ocasião, um grande número de torcedores grenás esteve presente à cidade do sul-fluminense para acompanhar a partida e apoiar a Desportiva. A Torcida Organizada Grenamor saiu da Grande Vitória com um ônibus de dois andares, com cerca de 55 torcedores. Outras torcidas organizadas enviaram representantes de carro, outros tantos grenás, como este que aqui escreve, foram de avião para o Rio de Janeiro e depois se deslocaram para a cidade. Foram aproximadamente 100 grenás em uma partida fora do Espírito Santo, fazendo número e barulho em um estádio bastante conhecido do cenário nacional.

Figura 14. Parte da torcida grená em Volta Redonda



Foto: ("Facebook: Grenamor", [s.d.]).

Como a torcida grená chegou algumas horas antes do início da partida, o numeroso grupo de torcedores andando pela cidade e depois fazendo muita festa nas cercanias do estádio chamou bastante atenção da população local.

Entre questionamentos sobre o time que o grupo representava, muitos perguntavam também sobre o Espírito Santo em si e por que o futebol capixaba está em má situação se há tantos apaixonados e loucos por um time do estado ao ponto de irem para outro estado. Aquela situação toda chamou bastante atenção de quem passava pela rua e até mesmo dos próprios torcedores do Voltaço, que admiraram o esforço dos grenás que lá foram, tiraram fotos e interagiram com os torcedores da Desportiva.

Dentro de campo, o resultado foi 0 a 0. Nada mal para uma partida fora de casa, mas a experiência vivida ali é que, certamente, marcou aqueles torcedores. Uma vivência que comprova o laço muito maior do que torcer: o ato de pertencer.

Figura 15. Torcida grená no Estádio Raulino Oliveira, em Volta Redonda.



Foto: ("Facebook: Grenamor", [s.d.]).

5.1. Identidade e território

Tendo em vista o contexto já apresentado do futebol capixaba não receber muito apoio da população local, chama a atenção nos estádios a presença de elementos da cultura do Espírito Santo nas torcidas. Pelo fato do estado em si não abraçar o seu próprio produto, estes torcedores aproveitam para exaltar as raízes capixabas como um diferencial no modo de torcer por aqui.

Apresentado esse breve contexto histórico do futebol no Espírito Santo, vários questionamentos surgem, principalmente sobre a identificação do capixaba com sua própria terra. Castells (1999) entende identidade como um processo de construção de significados com base em atributos culturais, sendo a identidade a fonte de significado e experiência de um povo pertencente a qualquer território.

O Espírito Santo como território físico tem suas particularidades espaciais. Encolhido dentro da região Sudeste, que agrupa o centro financeiro do Brasil, o estado capixaba acaba ficando de lado tanto pelas suas dimensões geográficas como pelos seus indicadores econômicos, quantitativamente falando.

No entanto, para Castells (1999), a construção de uma identidade vai além e emana dos aspectos culturais manifestados por este povo. O autor considera que a "construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso".

Esta proposição de identidade pensada por Castells (1999) compõe a dimensão cultural de território proposta por Haesbaert (2006), que considera que a cultura, tradição e costumes de um povo são elementos de uma territorialidade. Este território cultural seria algo abstrato, não palpável, mas facilmente perceptível pelos agrupamentos, como a composição de torcidas de times de futebol.

Avaliando os números do Instituto Futura apresentados no início deste trabalho, a média de público do campeonato estadual de futebol, além do histórico do desenvolvimento do esporte no Espírito Santo, não é nenhum exagero concluir que a identidade da população capixaba não é composta por traços que remetem aos clubes locais.

Os estudos de Castells (1999) relativos à construção da identidade observam também o movimento contrário da cultura predominante. Claro que ao pensar uma identidade majoritária e generalista de um cidadão capixaba ele não vai torcer para um clube de sua terra. Contudo, há os que resistem.

Se existe a identidade legitimadora, em que as instituições dominantes visam expandir seu domínio, há também a identidade de resistência, conceito cunhado por Castells para exemplificar os grupos que resistem à dominação. Os exemplos do autor levam em consideração casos políticos e questões mais complexas, como a formação de estados-nação e a existência de povos separatistas, como na Catalunha. Todavia, avaliando a situação do futebol capixaba, também é notória a existência de um grupo que se identifica com os times e, por consequência, com o Estado, formando esta identidade de resistência.

De acordo com Castells (1999)

"as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural, comunal".

É interessante acrescentar que o autor também trabalha com o conceito de identidade de projeto, em que os componentes da resistência têm aspirações de passarem a exercer a dominação, invertendo a lógica predominante. Não é o caso em questão, mas para Castells, independente dos resultados, a existência destes movimentos já produz significado.

Sendo assim, quanto à territorialidade presente no futebol capixaba percebemos um território cultural formado por quem carrega a identidade de resistência, mas sem grandes ecos no restante da população. Vale ressaltar que a resistência citada por Castells se referia à dominação em um contexto político e até mesmo de repressão na sociedade. Porém, o próprio termo "resistência" é bastante utilizado pelos próprios torcedores grenás ao descreverem como se sentem torcendo para um time do Espírito Santo, como poderá ser visto nos próximos relatos dos entrevistados.

5.2. Resultados

5.2.1. Pertencimento ao clube e à comunidade local - Ser grená é ser capixaba

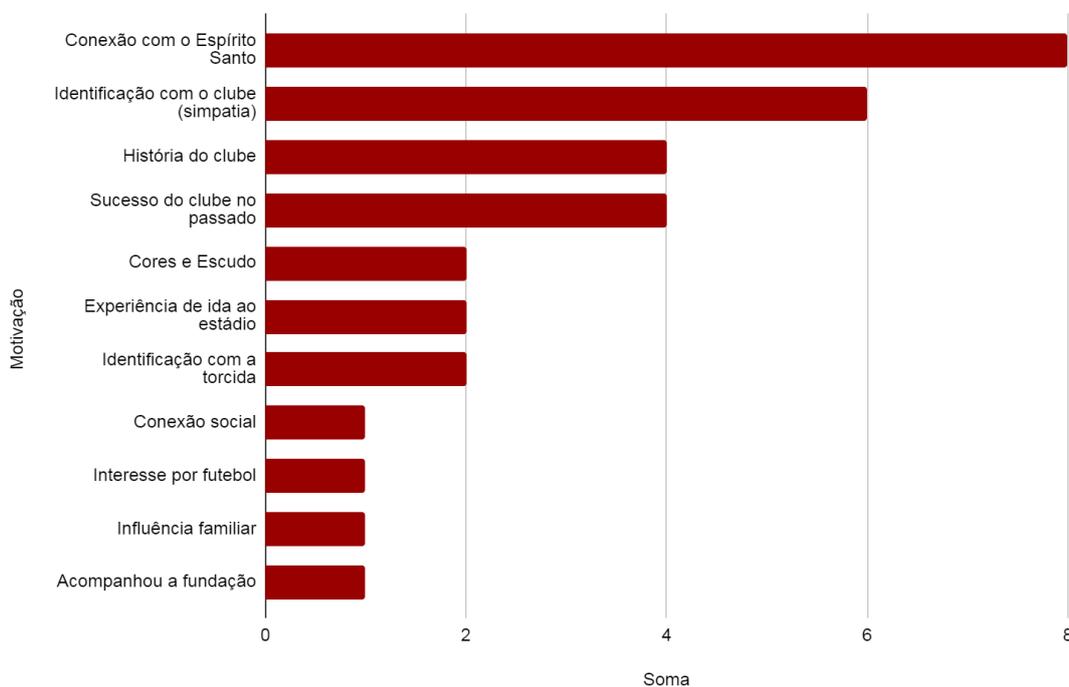
Bandeiras do Espírito Santo, cores do estado em camisas e faixas, músicas que citam a terra capixaba ou até mesmo adaptação de músicas de cantores renomados do estado fazem parte do repertório da Torcida Grenamor. Não só os membros da organizada, mas os grenás, de maneira geral, relatam ter um laço afetivo maior com o Espírito Santo pelo simples fato de torcerem para a Desportiva Ferroviária.

A tendência dos torcedores de apoiar equipes que representam a região local tem sido bem documentada na literatura. Normalmente, esse fator é propagado pela influência de agentes de socialização que determinam o tipo de esportes e equipes que um indivíduo aprende a existir (DOYLE, 2014).

A partir deste panorama de pertencimento ao Espírito Santo por meio do ato de torcer pela Desportiva Ferroviária, as respostas dos entrevistados vão ao encontro desta maior identificação com o território capixaba. Entre os motivos que os levaram a serem grenás, a identificação com a terra foi o mais citado Figura 16.

Figura 16. Resultados de motivação para torcida pela Desportiva Ferroviária.

Motivações para torcer para a Desportiva Ferroviária



O grená AP é um dos que destacam não só o laço com o Espírito Santo, mas também a resistência como uma representação do “ser grená”.

Com certeza torcer pela Desportiva me faz sentir mais capixaba. Reafirma o amor que tenho pela cultura e tradição regional do meu Estado. Os clubes capixabas estão longe da elite do futebol há muito tempo, de modo que torcer para a Desportiva é, sem dúvida, um ato de resistência (AP).

Em sua resposta, AP destacou como obstáculo o fato dos clubes capixabas estarem longe da elite do futebol há muito tempo. E é possível aferir que este é um fato que desmotiva muita gente a frequentar os estádios e acompanhar o futebol capixaba. Mas, é interessante notar entre os grenás entrevistados que o fato do futebol capixaba estar longe da elite e possuir baixa qualidade no comparativo com o praticado pelas equipes que disputam os holofotes do cenário nacional não é visto como algo negativo. Pelo contrário, tal fato fortalece ainda mais uma espécie de heroísmo e o tal “ato de resistência”

citado pelo torcedor. Até porque, a resistência pressupõe uma certa dificuldade ou uma oposição a uma dominação, como Castells (1999) citou.

Além do fato de sentir essa resistência, ser grená também aproxima os torcedores às raízes culturais do estado, como ressalta YL.

Ao torcer para a Desportiva eu me sinto mais ligado ao Espírito Santo. A cultura de um povo está diretamente relacionada à noção de identidade, pertencimento e valores em comum. O esporte mexe com emoções e essa conexão está intimamente ligada às suas origens (YL).

Outro torcedor, VM adota tom parecido ao relacionar a torcida pela Desportiva como um agregador para o Espírito Santo.

Sem dúvidas, torcer para a Desportiva gera uma maior aproximação com a cultura do Estado do Espírito Santo, onde naturalmente amplia a relação do torcedor com a cultura do Estado (VM).

O grená LF, de 62 anos, compartilha que não vê lógica ao não torcer para um clube que não esteja próximo de si.

Não consigo imaginar torcer por um time que não é meu. Do meu lugar. É muito mais que futebol a relação com a Desportiva. (LF)

Este torcedor, inclusive, ressalta que no período em que a Desportiva Ferroviária mudou de nome, cores e escudo - devido à parceria empresarial realizada em 1999 e só desfeita em 2011 e apresentada anteriormente neste trabalho, deixou de frequentar o Engenheiro Araripe por não se identificar com aquele clube. O ato demonstra que o seu pertencimento clubístico não era apenas a um time que jogava no Engenheiro Araripe, mas sim à Desportiva Ferroviária, propriamente dita.

Com relação ao sentimento capixaba mais exacerbado por meio da torcida pela Desportiva, é válido constar que até mesmo quem não nasceu no Espírito Santo, diz se sentir mais “filha da terra” por ser grená.

Eu não sou capixaba, logo, agarrar-me às culturas daqui faz com que eu me sinta um pouquinho mais. É sobre entender que o futebol local faz parte da história do estado, principalmente a da Desportiva, que tem ligação direta com os ferroviários. (TN)

O sentimento mais capixaba é inclusive aflorado quando se opõe a paixão pela Desportiva com a do time de outro estado. Isso no caso de quem também possui um time do coração fora do Espírito Santo e divide a paixão com a Desportiva.

O outro time que eu acompanho é o Vasco, até porque já torcia antes da fundação da Desportiva. Mas, eu sou muito mais grená. Quando joga Desportiva contra Vasco, como já jogaram, eu sou muito mais Desportiva por causa do Espírito Santo, da minha terra. Moro em Cariacica, estou bem pertinho, não tem como não torcer. (CB)

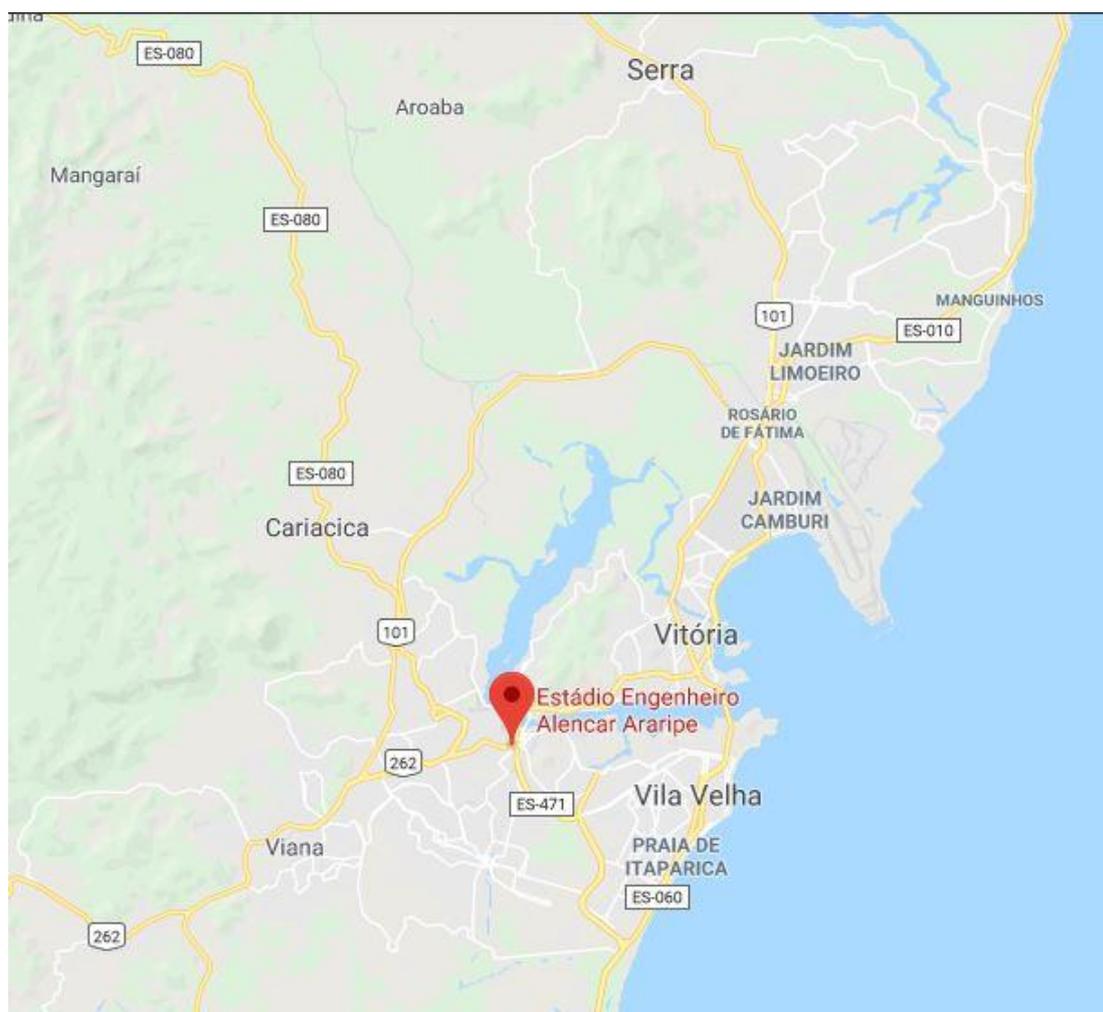
Dentro deste panorama de torcedores que se sentem mais capixabas ao torcerem pela Desportiva é necessário fazer uma relação às dimensões de território. No caso em questão, o maior envolvimento e pertencimento dos grenás se dá diretamente com o território do Espírito Santo. Neste caso, a relação é com o território jurídico classificado por Haesbaert (2006). O território jurídico nada mais é que a dimensão geográfica e física de um território. Noção básica que acompanha o termo sem entrar nos aspectos culturais das outras definições de território apresentadas anteriormente.

No caso da Desportiva o pertencimento mais aflorado dos torcedores é com o próprio estado do Espírito Santo e não com a cidade de Cariacica ou até mesmo o bairro de Jardim América, sede do clube. Este pertencimento mais ligado a todo o território capixaba faz mais sentido no cenário vivido atualmente. Como o estado por completo carece de bons resultados e desempenho no futebol do Brasil, cada clube quando participa de uma competição nacional vira o representante capixaba, o responsável por levar o nome do estado para fora. Como a falta de representatividade e bons resultados assola todo o estado, esta necessidade de mostrar força acaba abrangendo todo o Espírito Santo.

Além disso, o fato da Grande Vitória ser muito conectada entre seus municípios faz com que um time de Cariacica tenha base de torcedores não só na cidade, mas também em Vila Velha, Vitória, Viana e demais cidades vizinhas. Figura 17. Uma curiosidade com relação à Desportiva é que o Estádio Engenheiro Araripe fica praticamente na interseção entre três municípios: Cariacica, Vila Velha e Vitória. Localizado em Jardim América, o estádio fica logo abaixo da Segunda Ponte e ao lado do acesso da subida da ponte no sentido Vitória, conectando a cidade cariaciquense à capital em poucos minutos. Além disso, o próprio estádio marca a divisa entre Jardim América (Cariacica) e São Torquato (Vila Velha). Sua boa localização, unindo três cidades vizinhas, contribui para o acesso dos torcedores de toda a Grande Vitória.

Este elemento geográfico pode ser um dos que justifica o fato do pertencimento não ser diretamente ligado às ruas do bairro de Jardim América, mas sim ligada a todo o Espírito Santo. Apesar disso, encontro paralelo na literatura acadêmica em trabalhos que relacionam torcedores e a população local de bairros e cidades como um grande fator de pertencimento.

Figura 17. Mapa da Região da Grande Vitória e localização do estádio Engenheiro Alencar Araripe.



Silva (2011) estudou o pertencimento dos moradores de Governador Valladares, em Minas Gerais, ao exercerem a torcida pelo Esporte Clube Democrata. Em uma cidade de médio porte dentro de um grande estado que possui agremiações imponentes do futebol brasileiro (Clube Atlético Mineiro e Cruzeiro Esporte Clube), faz mais sentido o Democrata estimular a relação de pertencimento do seu torcedor com a cidade, já que o estado já possui imensa representatividade nacional. Para Silva (2011), a torcida pelo Democrata perpassa a torcida pelo próprio clube e se estende à própria cidade.

Tal relação é marcada também pelas histórias das pessoas, não de suas histórias com o time ou sobre o time, mas a história e a trajetória de suas próprias vidas. Falar sobre os motivos pelos quais torcem, como exercem esse torcer e o que significa ser democratense

perpassa a história de suas vidas e principalmente a história de suas vidas na cidade. Tal imbricação leva a uma percepção de que torcer pelo Democrata pressupõe torcer pela cidade, numa relação de pertença quase indissociável, claramente presente e constante. (Silva, 2011, p. 40)

O autor chega a utilizar a expressão “amálgama” para classificar a junção de sentimentos partilhados entre os torcedores do Democrata, já que foi constatado ser quase impossível dissociar a relação com o time da relação com a cidade quando se discute os significados de torcer para este time.

Segundo Silva (2011), o significado é um conceito que se define para sujeitos que participam de ações coletivas, por exemplo. “Os significados são aprendidos e apreendidos, são socializados, identificados, confirmados e testemunhados por aqueles que se defrontam com o outro” (GOHN, 2008, p.31 *apud* Silva, 2011, p.42). Dentro destas definições de significado e no seu nicho de produção de elementos que geram significados, Silva (2011) percebeu que a “relação com a cidade é uma clara característica na produção de significados no torcer pelo Democrata”.

Em Governador Valladares, o ato de ir aos jogos do Democrata remete aos torcedores entrevistados no trabalho a sensações e vivências dentro da cidade, como o trajeto por algumas ruas, comemorações nas vias públicas da cidade, entre outros.

No caso da Desportiva, como já constatado, o laço afetivo mais forte se dá com o próprio estado do Espírito Santo. Mesmo se tratando de uma relação com uma cidade, e não com todo o estado de Minas Gerais, o caso dos democratenses mostra como, na verdade, o torcer no futebol produz um grande número de significados relacionados ao lugar, espaço físico a qual aquele clube está inserido, seja todo um estado ou um município. Ou até mesmo um bairro.

A partir de um trabalho sobre as relações pessoais e profissionais desempenhadas em bairros operários franceses, **Mayol (2009)** classifica os bairros espaços de resistência à sociedade de consumo e produtor de relações sociais significativas. Para ele, o bairro produz relações que extrapolam o privado e chegam ao espaço público de compartilhamento de lugares e experiências.

Rigo, Jahnecka, Silva (2010) faz um trabalho sobre o pertencimento ligado ao futebol amador, conhecido como futebol de várzea pelo país, praticado em bairros da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. O estudo mostrou que não só na relação entre torcedores de grandes clubes ou de clubes menores, mas profissionais, há o forte sentimento de pertencimento clubístico e à região. Também no amadorismo há grande conexão dos torcedores com o seu espaço de vivência. O autor afirma que os clubes servem como catalisadores daquilo que flui nas ruas e, mesmo na prática da várzea, as relações e significações com o bairro ganham mais sentido e adesão.

Figura 18. Festa da torcida grená pelas ruas de Jardim América



Fonte: Fonte: (GLOBOESPORTE.COM, [s.d.])

Um bairro é a limitação de um espaço físico geograficamente menor em comparação às cidades e aos estados. No entanto, dentro do contexto de uma cidade do interior, como Governador Valladares, ou de um estado que não possui representatividade esportiva nacional, o Espírito Santo, a relação espaço-torcedor ganha essa lógica de troca de experiências e afetividade entre pessoa e lugar como nos bairros.

É curioso pensar, inclusive, que o termo utilizado para classificar o sentimento aflorado de defesa do seu lugar seja o “bairrismo”, que remete justamente a um bairro, mesmo quando o emissor da expressão queira se referir a um lugar maior, como uma cidade, estado ou região. O termo é, inclusive,

utilizado pelo torcedor símbolo da Torcida Organizada Grenamor, Alexsandro AA ao se dirigir ao comportamento da população capixaba com relação ao futebol.

Eu me sinto muito mais capixaba sendo grená. Não que seja melhor, mas capixaba é vira latas futebolisticamente falando. Eu sou bairrista, me faz bem, precisamos valorizar nossa terra (AA).

Ao usar o termo “vira-latas”, o grená AA fez menção a um célebre conceito cunhado pelo jornalista e escritor Nelson Rodrigues. Às vésperas da disputa da Copa do Mundo de 1958, na Suécia, Rodrigues publicou uma coluna na revista *Manchete Esportiva* em que citava o brasileiro como portador de um complexo de vira-latas.

Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. (...). Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e pedemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia (RODRIGUES, 1993).

É interessante e revelador perceber que há mais de 60 anos, a discussão em torno do futebol se dava na inferioridade do país como um todo. Como se sabe, a Copa de 1958 foi a primeira das cinco vencidas pela Seleção Brasileira. Em termos esportivos, a expressão “complexo de vira-latas” não fez mais tanto sentido à medida em que os resultados positivos começaram a ser obtidos pelo Brasil. O conceito ainda continua sendo aplicado para determinar o comportamento brasileiro perante outros elementos socioeconômicos do país perante o exterior. Contudo, no sentido aplicado pelo grená AA, é possível discutir o “vira-latismo” sob a ótica do capixaba com o próprio futebol.

Visto que o espetáculo em si possui baixa atratividade de público no Espírito Santo, o que AA quis dizer é que o próprio capixaba coloca seu estado

para baixo no que se refere à prática esportiva. Que o futebol local não compete com os dos vizinhos do Sudeste e de boa parte do país é um fato, mas este complexo de “vira-latas” seria algo mais relacionado à desvalorização da própria terra ou não tentar, ao menos, dar uma chance para o esporte local e que representa suas raízes.

Essa desvalorização se mostra latente nas afirmações de mais torcedores grenás.

Torcer para a Desportiva Ferroviária é uma identificação a mais com meu estado. O povo do Espírito Santo não valoriza as coisas que tem, não só o futebol, mas tudo. Acho que isso deveria mudar (JF).

Dentro deste contexto de um entendimento geral de que falta valorização ao esporte local é essencial entender como se dá a relação dos torcedores grenás com a imprensa do Espírito Santo.

5.2.2. Fontes de informação: A imprensa e o futebol capixaba

Quem acompanha o futebol capixaba com afinco sabe que se não tiver uma assiduidade na frequência aos estádios dificilmente conseguirá acompanhar integralmente o desempenho do seu time de coração. Isto porque a cobertura realizada pela imprensa local nem se compara à fartura de conteúdo produzida para os times de estados com maior representatividade nacional. Não é nenhum absurdo dizer que é mais fácil e cômodo acompanhar um time de fora, em especial do Rio de Janeiro, do que do Espírito Santo.

Para conhecer os atletas, como joga determinado time, quais jogadores têm potencial ou simplesmente ver a partida, ir ao estádio é praticamente obrigatório no futebol capixaba, já que por muitos anos não houve transmissões ou cobertura ampla dos veículos de comunicação do estado.

É importante retomar que, no início do Século XX, como apresentado anteriormente neste trabalho, as autoridades buscaram capitalizar com o sucesso do futebol, em especial no governo de Getúlio Vargas com a expansão das transmissões dos jogos de times cariocas por meio das ondas da Rádio

Nacional. Um dos efeitos práticos deste contexto histórico é o fato de que vários estados do país possuem mais torcedores de times cariocas ou paulistas do que os clubes de sua própria região.

Recentemente, no Campeonato Brasileiro de 2019, o Esporte Clube Bahia levantou esta questão¹⁰ por meio de seu perfil oficial no Twitter. Por conta do grande número de torcedores do Flamengo em Salvador para a partida entre as duas equipes, o Bahia fez a seguinte afirmação nas redes: “Nordestino retado (sic), torce para time do seu Estado”. O termo “retado” se refere à “arretado” que, no linguajar nordestino, tem uma conotação positiva, de força e veracidade. A postagem gerou discussões sobre o direito do torcedor exercer sua paixão por quem quer que seja, independente da região e também levantou debates sobre um certo preconceito de xenofobia por minimizar os nordestinos que não optam pelos clubes de sua região.

É salutar deixar claro que em um regime democrático cada um opta por suas preferências e deve ser respeitado. Este trabalho, inclusive, não tem a pretensão de mostrar que os torcedores grenás estão exclusivamente corretos em detrimento do restante da população capixaba, apenas mostrar o que os motiva a exercer com tanta paixão este sentimento que é minoritário em sua própria terra.

O caso do Esporte Clube Bahia foi utilizado para demonstrar que um grande estado do Brasil e que possui um time na Série A e outro na Série B do Campeonato Brasileiro de 2019 e que, mesmo assim, abriga a discussão sobre torcer ou não para um clube local. É bom citar que a Rede Globo, principal detentora dos direitos de transmissão do futebol brasileiro, faz, majoritariamente, transmissões dos times do Rio de Janeiro e de São Paulo, enviando os sinais dos dois jogos para estados diferentes, como se o país fosse dividido em dois que torcem para clubes destes dois estados.

Tendo em vista esse cenário no país, o caso do Espírito Santo traz algumas particularidades. Atualmente, há apenas um programa esportivo em tv

¹⁰ Assunto extraído do perfil oficial do Esporte Clube Bahia por meio do Twitter em 04 de agosto de 2019: <https://twitter.com/ECBahia/status/1158126219801571329>

aberta com notícias do futebol local, na TV Capixaba. As transmissões de jogos são feitas desde 2017 por meio de canais em redes sociais, promovidos pela Federação de Futebol do Espírito Santo. A retransmissão destas imagens passou a ser feita em 2018 em tv aberta, pela TV Capixaba, com um jogo por rodada do Capixabão. As demais emissoras de TV não possuem programas específicos sobre o futebol local.

Além dos veículos tradicionais de comunicação, alguns meios alternativos nos últimos anos têm feito transmissões do futebol capixaba por meio de plataformas de streaming. Desde 2017, inclusive, a própria Federação de Futebol do Espírito Santo investe nas transmissões feitas por um canal no YouTube e Facebook.

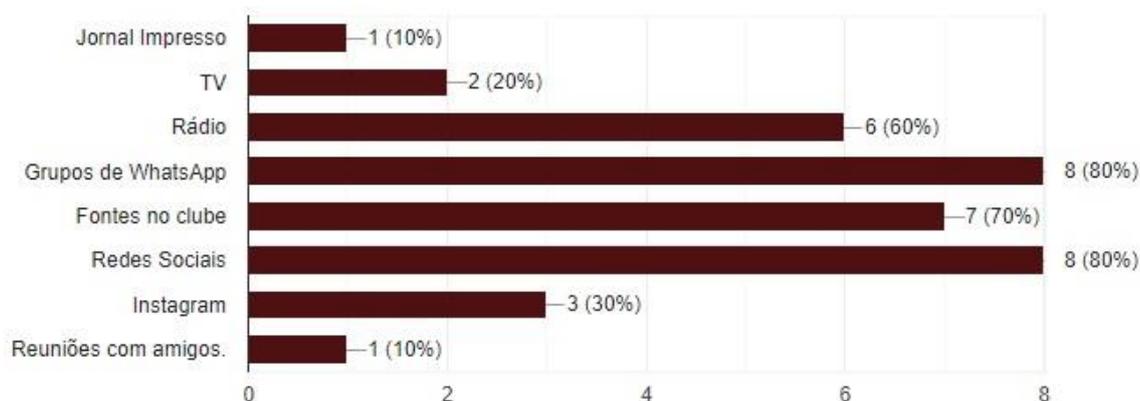
Entre as emissoras de rádio da Grande Vitória, a Espírito Santo AM transmite as partidas e possui um programa diário sobre o esporte capixaba. Já a BandNews FM possui uma coluna diária sobre o futebol capixaba. Os veículos de mídia impressa, dentro dos cadernos de esporte, não cedem os destaques principais ao esporte do Espírito Santo.

Tendo isso em vista, a forma como o torcedor que acompanha fielmente o seu clube do coração no Espírito Santo consome as notícias do futebol local tem contornos peculiares. Perguntados sobre quais meios utilizam para buscar conteúdo, sendo que mais de uma resposta poderia ser dada, os resultados foram:

Figura 19. Resultados encontrados para a fonte de informação sobre a Desportiva Ferroviária.

Como acompanha as notícias do clube?

10 respostas



Algumas particularidades saltam aos olhos em uma primeira visão do gráfico. Apenas um entrevistado relatou obter as notícias do futebol capixaba por meio de jornal impresso. O dado já é um indicativo de como este meio está em declínio no jornalismo atual, em especial no estado, que teve, em julho de 2019, o anúncio¹¹ do encerramento da edição impressa do Jornal A Gazeta, após mais de 90 anos de circulação.

Outro dado importante é de que 70% dos entrevistados relataram obter informações por fontes no clube. É como se os próprios grenás de arquibancada fizessem o papel de repórter, já que há escassez de informações nos veículos tradicionais de mídia. Este elemento reforça o caráter de pertencimento clubístico e do pertencimento à região, discutidos neste trabalho. Como os torcedores extrapolam o simples ato de torcer e fazem parte de toda uma gama de coletividade gerada pela pertença, a proximidade com atletas, dirigentes e membros da comissão técnica é grande. Assim, muitos torcedores possuem fácil acesso aos detentores da informação. Vários são os casos presenciados em que

¹¹ Informação divulgada pela Rede Gazeta em 31 de julho de 2019: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2019/07/a-gazeta-lanca-site-mais-moderno-e-reduz-jornais-impresos-1014192021.html>

os torcedores nas arquibancadas já comentam sobre determinado jogador que está para chegar ou sair e a notícia só chega aos veículos tradicionais de comunicação dias ou semanas depois.

Com os grenás detendo informações sobre contratações, reforços e demais bastidores do clube, estas notícias ganham força circulando em grupos de WhatsApp. Não à toa, oito dos dez entrevistados responderam que obtêm notícias do clube por meio dos grupos de WhatsApp. O índice de 80% dos entrevistados escolhendo esta alternativa mostra que a informalidade é a principal característica da circulação de notícias da Desportiva Ferroviária. Por meio das redes sociais de uma forma geral, 80% dos torcedores também se informam sobre o clube.

Filo, Lock e Karg (2015) definem mídias sociais como: Novas tecnologias de mídia facilitando a interatividade e a co-criação que permitem o desenvolvimento e compartilhamento de conteúdo entre organizações (por exemplo, equipes, órgãos governamentais, agências e grupos de mídia) e indivíduos (por exemplo, consumidores, atletas e jornalistas).

As mídias sociais têm atraído muita atenção de acadêmicos e profissionais devido à sua difusão e impactos culturais. Os consumidores podem interagir com as mídias sociais durante vários estágios do processo de consumo, incluindo busca de informações, tomada de decisões, boca a boca e aquisição, uso e descarte de produtos e serviços (FILO; LOCK; KARG, 2015). No caso do futebol, os comentários dos torcedores nas postagens servem como termômetro de popularidade das decisões tomadas e divulgadas pelo clube.

Entre os veículos tradicionais de comunicação, Rádio foi o mais citado com 50% das respostas. O veículo é o que possui historicamente uma ligação muito forte com o futebol e ainda possui programas diários sobre futebol capixaba e a transmissão dos jogos, o que justifica ainda uma busca grande dos torcedores por essa modalidade de veiculação de notícias sobre o futebol estadual.

Com relação aos veículos de mídia nacional, a repercussão acontece em casos esporádicos, que chamem atenção jornalisticamente em todo o país. Um exemplo foi a contratação do uruguaio Sebastián “Loco” Abreu, pelo Rio Branco,

no Capixabão de 2019. Por se tratar de um jogador com participações em Copa do Mundo e passagens por grandes clubes brasileiros, chamou atenção do noticiário nacional e sulamericano. Mas, em geral, não há destaques em âmbito nacional.

Também em 2019, a própria Desportiva ganhou repercussão em alguns veículos jornalísticos de mídia nacional devido a um vídeo do canal humorístico “Porta dos Fundos”¹² no YouTube. Na produção, um homem que havia morrido pede a Deus para reencarnar como jogador de futebol. Ele será reencarnado como jogador da Desportiva, do Espírito Santo, mas acaba não gostando da ideia. O vídeo trata de forma pejorativa a Desportiva e o futebol capixaba, mostrando, de certa forma, como é a imagem do esporte do Espírito Santo perante às demais regiões do país. Apesar disso, o clube conseguiu brincar com a situação fazendo um anúncio¹³ do atleta “reencarnado” como novo contratado grená. A situação inusitada é citada apenas como um exemplo do tipo de informação local que gera repercussão nacional¹⁴.

5.3. Ausência de organização comunicacional nos clubes

Tendo em vista a ausência de cobertura da imprensa de forma mais presente com relação ao futebol capixaba, é importante frisar a falta de investimento e organização dos clubes para com uma estrutura institucional de comunicação. A Desportiva, por exemplo, disputou os últimos campeonatos, em 2018 e 2019 sem assessores de imprensa contratados. Em alguns casos, as postagens em redes sociais e posicionamentos do clube, por meio de notas oficiais, foram feitas por dirigentes ou torcedores que colaboram com a gestão do clube.

¹² Vídeo humorístico do Porta dos Fundos: <https://www.youtube.com/watch?v=7ORKt8gQkZI>

¹³ Resposta do clube: <https://www.instagram.com/p/B0jr4vwJC> -/

¹⁴ Repercussão em mídia nacional: <https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/lancepress/2019/07/31/desportiva-es-contrata-humorista-do-porta-dos-fundos-apos-piada-em-video.htm> e <https://www.terra.com.br/esportes/lance/humor-esportivo/clube-brasileiro-anuncia-reforco-de-humorista-do-porta-dos-fundos,bd5abcff36694d2364f221c6a75f76acl5eahtzl.html>

6. CONCLUSÃO

Após percorrer este caminho pela história da Desportiva Ferroviária e a relação de seus torcedores com o clube, é possível constatar que as motivações que os levam a exercer esta paixão grená em meio a um contexto de desvalorização do futebol no Espírito Santo são diversas. Cada torcedor tem suas motivações específicas, mas juntos comungam de um mesmo sentimento formador de uma intensa comunidade de pertencimento ao clube de coração. As principais motivações citadas para a escolha da Desportiva Ferroviária envolvem a conexão com o Espírito Santo e identificação com o clube, descrita também como simpatia, além do sucesso do time no passado e sua história. Destaca-se que, para a escolha, há grande relevância do território e da relação de pertencimento não só com o clube, mas também com a comunidade local.

Avaliou-se o significado dado pelos torcedores ao termo “ser grená”, ou ser torcedor da Desportiva Ferroviária. Ser grená é, antes de tudo, ser capixaba. Outro fator relevante é a leitura dos torcedores em relação à importância do envolvimento e a participação do torcedor no contexto do clube, como algo que ultrapassa o ato de torcer, de ser espectador. Destaca-se também que, de acordo com os torcedores entrevistados, o suporte ao clube não está associado ao desempenho em campo, pelo contrário, em tempos de dificuldade é que os torcedores se veem em posição de ajudarem o clube a se manter firme. Os

torcedores, por isso, também se veem como formadores de uma resistência capixaba ao torcerem por um clube do Espírito Santo. O sucesso do time no passado também é algo muito rememorado por estes torcedores e aponta para um futuro, de todo modo, preocupante. Tendo em vista que os sucessos do passado estão cada vez mais distantes, a necessidade de produção de novos bons resultados para a criação de um novo grupo de torcedores se faz necessária. Em contrapartida, entre os torcedores entrevistados e que já professam o amor pela Desportiva, a ausência de grandes conquistas nos últimos anos não impacta no engajamento com o clube, já que o pertencimento é contínuo. Pois ideexplicou Damo (2014), “o pertencimento clubístico poderia ser tomado como enquanto uma espécie de tradução das afinidades de sangue. O pertencimento seria inquebrantável (...) como são os laços de sangue”.

A relação de pertencimento dos torcedores com relação ao clube e à comunidade local é reiterada nas respostas coletadas, uma vez que diversos torcedores citam a cultura do povo, e o futebol sendo parte dela, como fator diretamente associada à identidade e ao pertencimento ao local. É possível concluir que os laços com o estado do Espírito Santo ficam mais evidentes quando se pratica a torcida por um clube local. Automaticamente, você passa a conhecer mais a história do estado, suas cidades a cada time que enfrenta fora de casa e ainda assume o posto de representante de todo o estado em competições nacionais. Pela localização do Estádio Engenheiro Araripe, a Desportiva aglutina uma gama de torcedores de toda a Grande Vitória, sendo assim, um pertencimento mais estadual do que apenas pela cidade de Cariacica ou pelo bairro de Jardim América.

Quanto às fontes de informação usadas pelos torcedores para buscar conteúdo do clube, as principais citadas pelos entrevistados foram grupos de WhatsApp, Redes Sociais e Fontes no Clube. Apenas um entrevistado relatou obter as notícias do futebol capixaba por meio de jornal impresso, indicando como este meio está em declínio no jornalismo atual. Outro dado importante é de que 70% dos entrevistados relataram obter informações por fontes no clube, mostrando como os próprios torcedores atuassem como repórter, dada a escassez de informações nos veículos tradicionais de mídia. Ao todo, 80% dos entrevistados responderam que obtêm notícias do clube por meio dos grupos de

WhatsApp, mostrando que a informalidade é a principal característica da circulação de notícias da Desportiva Ferroviária. Por meio das redes sociais de uma forma geral, também 80% dos torcedores se informam sobre o clube.

Todo este engajamento responde à pergunta inicial deste trabalho sobre como é construído o pertencimento por meio do torcer pela Desportiva Ferroviária. As ações destes torcedores fiéis mostram que não basta ir ao estádio e manifestar sua torcida, já que uma série de esforços são realizados para manter este laço afetivo com o clube. É interessante ressaltar que boa parte destes esforços são necessários, já que a baixa circulação de informações e acesso a transmissões de partidas, em especial em jogos no interior do estado, faz com que as viagens e as idas aos estádios sejam os únicos meios de acompanhar o clube do coração. O que, mesmo sendo chamado de esforço, não configura um peso para estes torcedores, que demonstram fazer isso com o mais puro dos sentimentos. Tendo em vista as motivações que os levam a exercerem a paixão grená, é possível perceber nas palavras utilizadas nas respostas do questionário qualitativo expressões que denotam o pertencimento ao clube e ao Espírito Santo, como “cultura”, “capixaba” e “história”, conforme evidenciado pela nuvem de palavras gerada na Figura 20.

direção: existe uma parcela, mesmo que pequena, apaixonada pelo futebol local e que não quer deixá-lo morrer, até porque, como vimos, esta parcela pertence ao seu clube do coração e ao Espírito Santo.

Para encerrar, o hino oficial da Desportiva Ferroviária já dava um prenúncio, desde sua fundação em 1963, do que seria feito o clube. Não só de lutas e glórias, mas de laços e afeto, de amizade. Já que a Desportiva é “o clube que sabe fazer amigos”.

Hino Oficial da Desportiva Ferroviária

*Pra frente Desportiva, pra frente é seu destino
Quem fica não conquista grandes marcas em sua vida
O seu passado já mostrava suas glórias
Com triunfos que ornamentam sua história
Vencer, vencer, vencer
É o grito da torcida que desperta
Vencer, vencer, vencer
É o grito da torcida que desperta
O suor grená de suas lutas parece sangue que corre em nossas veias
É o clube que sabe fazer amigos, Desportiva, Desportiva
É o clube que sabe fazer amigos, Desportiva, Desportiva!*

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIGOSSI, J.; MARCELO, I.; GOMES, I. M. Modos de sociabilidade e rituais na cidade de Vitória / ES / Brasil. 2013.

CARDOSO, R. **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CÔRTEZ, T. G.; DA SILVA, L. F. M. **Sou Grená: campanha para mobilização da mais apaixonada torcida capixaba**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais...**2013

COSTA, F. R. DA; ALVES, F. P.; RIBEIRO, L. P. O ESPÍRITO SANTO NO CENÁRIO DO FUTEBOL BRASILEIRO: DE 1980 A 2009. **Pensar a Prática**, v. 14, n. 1, p. 1–9, 2011.

DAMATTA, R. et al. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1984.

DAMO, A. S. Paixão Partilhada E Participativa – O Caso Do Futebol. **História: Questões & Debates**, v. 57, n. 2, p. 45–72, 2012.

DATAFOLHA. **Futebol e Copa do Mundo: PO813950**. Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2018/04/13/f21c6daf5d8b98f2a94089505961847f6576d01a.pdf>>.

DIAS, E.; NOVO, S. M. **Rio Branco: 100 anos de história do clube que nasceu para “ser do povo”**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/es/noticia/2013/06/rio-branco-100-anos-de-historia-do-clube-que-nasceu-para-ser-do-povo.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

Facebook: Desportiva Ferroviária.

Facebook: Grenamor.

FILO, K.; LOCK, D.; KARG, A. Sport and social media research: A review. **Sport Management Review**, v. 18, n. 2, p. 166–181, 2015.

GIOVANNETTI, B. et al. Medindo a fidelidade das torcidas brasileiras: Uma análise econômica no futebol. **Revista Brasileira de Economia**, v. 60, n. 4, p. 389–406, 2006.

GLOBOESPORTE.COM. **Globoesporte.com**. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/es/>>.

GONÇALVES, R. et al. UM ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE A PAIXÃO DOS TORCEDORES E AS MARCAS PATROCINADORAS DE CLUBES DE FUTEBOL. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, v. 3, n. 3, 2014.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização, do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HALL, S. **A identidade cultura na pós-modernidade**. 10. ed. [s.l.] DP&A, 2005.

HILL, J. **Sport In History: An introduction**. [s.l.] macmillan international, 2010.

HUGENBERG, L. W.; HARIDAKIS, P. M.; EARNHEARDT, A. C. Sports Mania: Essays on fandom and the media in the 21st Century. In: [s.l.] McFarland & Company, 2008.

INSTITUTO FUTURA. **86,8% da Grande Vitória não Acompanhou o Capixabão 2013**.

MARQUES, B. **Os trilhos da história: Memórias da Desportiva Ferroviária**. Vitória: GM Editora, 2009.

MARQUES, B. **Vitória-ES 100 anos: meninos de “sangue azul” criam futebol capixaba**. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/es/noticia/2012/10/vitoria-es-100-anos-meninos-de-sangue-azul-criam-futebol-capixaba.html>>. Acesso em: 8 fev. 2019.

MINAYO, M. C. DE S. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro - São Paulo: ABRASCO-HUCITEC, 1992.

NOSSA, L. **Sangue grená: Os torcedores que resistem e mantêm intacta a paixão pela Desportiva Ferroviária numa terra em que não se valoriza o**

próprio futebol. [s.l.] Universidade Federal do Espírito Santo, 2013.

RIGO, L. C. **Memórias de um futebol de fronteira**, 2001.

RIGO, L. C.; JAHNECKA, L.; SILVA, I. C. DA. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Artigos Orifinais**, 2010.

RODRIGUES, N. Complexo de vira-latas. In: CASTRO, R. (Ed.). **A pátria de Chuteiras**. São Paulo: Companhia de Letras, 1993.

SILVA, T. F. DA; O. **O FUTEBOL NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: OS SIGNIFICADOS DO TORCER PELO ESPORTE CLUBE DEMOCRATA.** [s.l.] Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

SOUZA, D. A. DE. **O Brasil Entra em Campo: Construções e Reconstruções da Identidade Nacional.** São Paulo: Annablume, 2008.

THEODORAKIS, N. D. et al. The relationship between sport team identification and the need to belong. **International Journal of Sport Management and Marketing**, v. 12, n. 1–2, p. 25–38, 2012.

TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte: Ênfase no esporte-educação.** Maringá: Eduem, 2010.

TUBINO, M. J. G.; GARRIDO, F.; TUBINO, F. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte.** Rio de Janeiro: Editoria Senac, 2006.

WANN, D. L. et al. Examining Sport Team Identification, Social Connections, and Social Well-being among High School Students. **Journal of Amateur Sport**, p. 1–24, 2015.

WANN, D. L.; JAMES, J. D. **Sport Fans.** New York: Taylor & Francis, 2019.

WISNIK, J. M. **VENENO REMÉDIO: O futebol e o Brasil.** [s.l.] Companhia das Letras, 2008.

ANEXO 1

Formulário utilizado para a coleta de respostas da pesquisa

Torcedores da Desportiva

Prezado(a) torcedor(a), você está sendo convidado a participar de maneira voluntária da pesquisa de mestrado do pesquisador Leandro Nossa, do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo.

***Obrigatório**

1. Eu aceito que minhas respostas sejam utilizadas para a elaboração da dissertação de mestrado do pesquisador Leandro Nossa *

Marque todas que se aplicam.

Sim

2. Nome *

3. Idade *

4. Por que você torce para a Desportiva Ferroviária? *

5. Acompanha as partidas? De que forma? *

6. Torcer pela Desportiva faz com que você se sinta mais apaixonado? Por quê? *

7. Torce também para algum clube de fora do estado? *

8. Qual o significado de ser grená para você? *

9. Como acompanha as notícias do clube? *

Marque todas que se aplicam.

- Grupos de WhatsApp
- Fontes no clube
- Jornal Impresso
- Instagram
- Redes Sociais
- TV
- Rádio
- Outro: _____